



Ana Maria Rodrigues Franqueira

**“À flor da pele”: Entre ritos e
sentidos do luto parental**

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação
em Psicologia da PUC-Rio como requisito parcial para
obtenção do grau de Doutor em Psicologia Clínica

Orientadora: Profa. Andrea Seixas Magalhães



Ana Maria Rodrigues Franqueira

**“À flor da pele”: Entre ritos e
sentidos do luto parental**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profª. Andrea Seixas Magalhães

Orientadora

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profª. Terezinha Féres Carneiro

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profª. Celia Regina Henriques

CCE - PUC-Rio

Profª. Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo

Instituto de Psicologia - UERJ

Profª. Fátima Cristina Melo Geovanini

Universidade Estácio de Sá/RJ

Profa. Monah Winograd

Coordenadora Setorial de Pós-Graduação
e Pesquisa do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 12 de dezembro de 2017.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da Universidade, da autora e da orientadora.

Ana Maria Rodrigues Franqueira

Graduou-se em Psicologia pela UERJ em 1993. Especialização em Psicoterapia de Família e de Casal em 2009. Mestrado em Psicologia Clínica em 2013.

Ficha Catalográfica

Franqueira, Ana Maria Rodrigues

“À flor da pele”: entre ritos e sentidos do luto parental / Ana Maria Rodrigues Franqueira; orientadora: Andrea Seixas Magalhães. – 2017.

101 f.; 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2017.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Luto parental. 3. Rituais. 4. Sentido. 5. Vínculo. 6. Suporte social. I. Magalhães, Andrea Seixas. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Ao Luiz Fernando, meu marido,
meu companheiro e amor da minha vida.
Só tenho a agradecer pela dedicação, pela paciência,
pelos filhos e netos.
Te amo.

Agradecimentos

À Prof^a. Andrea Seixas Magalhães, meu agradecimento pela parceria desde a especialização. Mesmo envolvida com muitas tarefas que a vida acadêmica exige, nunca perdeu a doçura e a paciência. Nos emocionamos com as entrevistas, aprendemos muito e juntas elaboramos lutos e nos transformamos pessoal e academicamente. Aqui, nos separamos, com um até breve. Por sua sensibilidade, por tentar fazer o impossível, por me apoiar, por me ajudar a ser uma pesquisadora, meu muito obrigada!

À Prof^a. Terezinha Féres-Carneiro, que sempre me honra com sua presença nas minhas bancas. Por ser um exemplo de professora e pesquisadora ética e comprometida com tudo que faz. Muito obrigada!

À Prof^a. Celia Henriques, obrigada pela atenção e disponibilidade em participar da minha banca.

À Prof^a. Ana Maria Lopez Feijoo, a quem tenho grande admiração, meu eterno agradecimento pelo acolhimento, pela generosidade e disponibilidade.

À Prof^a. Fátima Geovanini, muito obrigada pelo carinho de sempre, pela conversa inicial quando essa tese era embrionária e pela disponibilidade em participar da minha banca.

Aos meus pais e toda a minha família de origem e extensa, irmãos, tias, sobrinho, enteados, noras, netos e sogros, obrigada pelo apoio, carinho e confiança, por serem sempre a minha base segura.

À equipe de pesquisa, em especial Carla Mendes e Débora Sampaio, meu agradecimento pelo apoio, pelas trocas, pelo compartilhamento das delícias e dores do percurso acadêmico.

À Mayla Cosmo, pela amizade, pelas sugestões e conselhos e toda a ajuda nos momentos difíceis.

Aos funcionários do Departamento de Psicologia da PUC-Rio em especial a Marcelina, meu agradecimento pela paciência e pela competência.

À querida Dnilda Côrtes, meu agradecimento pela confiança e a permissão para que eu participasse do grupo NAVI, fundamental em meu trabalho.

À Márcia Velasco, minha amiga, por confiar em meu trabalho e abrir as portas para a profissão de professora, meu muito obrigada.

A todos os pais enlutados entrevistados e todos os outros que encontrei pelo caminho, meu muito obrigada por confiarem em mim, abrindo, em algumas situações, as portas das suas casas, compartilhando suas histórias, repletas de emoção e significado. Não tenho palavras para agradecer!

À CAPES e à PUC-Rio pelos auxílios concedidos para a realização desse trabalho.

Resumo

Franqueira, Ana Maria Rodrigues; Magalhães, Andrea Seixas (Orientadora). **“À flor da pele”: Entre ritos e sentidos do luto parental.** Rio de Janeiro, 2017. 101p. Tese de Doutorado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O presente estudo teve como objetivo investigar o fenômeno do luto de pais que perdem filhos por acidente de trânsito, focalizando o papel dos rituais e dos sentidos construídos por eles. Realizamos uma pesquisa qualitativa com 10 pais enlutados (dois pais e oito mães). Os dados foram obtidos por meio de entrevistas com roteiro semiestruturado, analisadas posteriormente de acordo com o método de análise de conteúdo. A partir das narrativas, emergiram cinco categorias de análise: vivências emocionais, físicas e comportamentais; rituais; construção de sentidos; continuação do vínculo e suporte social. Esse estudo foi apresentado no formato de quatro artigos. A partir dos resultados da pesquisa, concluímos que o luto parental por morte acidental é um fenômeno complexo, exigindo dos pais um trabalho psíquico intenso que demanda tempo, além de gerar mudanças em suas vidas psíquica, familiar e social. Os rituais públicos e privados realizados pelos pais se mostraram de enorme importância para o desenvolvimento do luto parental, bem como a possibilidade de continuação do vínculo com seus filhos mortos. A religiosidade se revelou um poderoso recurso de enfrentamento, fornecendo sentido à perda inesperada dos filhos. O suporte social recebido funcionou como fator de proteção durante o processo de luto, destacando-se o papel importante dos grupos de apoio. Os resultados da pesquisa são úteis para o desenvolvimento de ferramentas de avaliação e intervenção que se baseiem em um modelo de luto que leve em conta as idiossincrasias e particularidades de cada situação e considere a construção de sentido como determinante crucial de ajuste à perda, auxiliando, assim, os pais enlutados em seu enfrentamento pós-perda.

Palavras-chave

Luto parental; significado; vínculo; rituais; suporte social.

Abstract

Franqueira, Ana Maria Rodrigues; Magalhães, Andrea Seixas (Advisor). **"Nerves on edge": Between rituals and meanings of parental mourning.** Rio de Janeiro, 2017. 101p. Tese de Doutorado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The present study aimed to investigate the mourning process of parents who lost their children in traffic accidents, focusing on the role of rituals and senses built by them. We conducted a qualitative research with 10 mourning parents (two fathers and eight mothers). The data were obtained through interviews with semi-structured script, analyzed later according to the content analysis method. The authors interviewed 10 subjects – 2 fathers and 8 mothers – and analyzed the interviews using the content analysis method. From the narratives, five categories of analysis emerged: emotional, physical and behavioral experiences; rituals; construction of meaning; continuation of the bond and social support. This study was presented in the format of four articles. From the results, we can suggest that parental mourning by accidental death is a complex phenomenon, demanding of the parents an intense psychic work that demands time, besides generating changes in their psychic, familiar and social lives. The public and private rituals performed by the parents were of enormous importance for the development of parental mourning process, as well as the possibility of continuing the bond with their dead children. Religiousness has proved to be a powerful coping resource, providing meaning to the unexpected loss of children. The received social support functioned as a protection factor during the mourning process, highlighting the important role of support groups. The results of the research are useful for the development of evaluation and intervention tools that are based on a model of mourning that takes into account the idiosyncrasies and peculiarities of each situation and considers the meaning as crucial determinant of adjustment to the loss, helping bereaved parents to their confrontation.

Keywords

Parental mourning; meaning; bond; rituals; social support

SUMÁRIO

1. Introdução	10
2. Entre o público e o privado: rituais no processo de luto parental	15
Resumo	15
Abstract	15
2.1 Método	23
2.1.1 Participantes	23
2.1.2 Instrumentos e Procedimentos	23
2.1.3 Cuidados Éticos	23
2.1.4 Análise e discussão dos resultados	24
2.2 A despedida	24
2.3 Rituais públicos	27
2.4 Rituais privados	30
2.5 Considerações Finais	32
3. Uma ausência presente: a continuação do vínculo com o filho morto	35
Resumo	35
Abstract	35
3.1 Método	42
3.1.1 Participantes	42
3.1.2 Instrumentos e Procedimentos	42
3.1.3 Cuidados Éticos	42
3.1.4 Análise e discussão dos resultados	43
3.2 Percepções do filho morto	43
3.3 Símbolos	44
3.4 Vestindo roupas e mantendo objetos	45
3.5 Comunicações pós-morte	46
3.6 Fotografias	50
3.7 Considerações Finais	51
4. Por que meu filho? A busca de significados no processo de luto parental	53
Resumo	53
Abstract	53
4.1 Método	59
4.1.1 Participantes	59
4.1.2 Instrumentos e Procedimentos	59
4.1.3 Cuidados Éticos	60
4.1.4 Análise e discussão dos resultados	60
4.2 Significados construídos após a morte	60
4.2.1 Busca de sentido	61
4.2.2 Encontro de benefícios	64
4.3 Considerações Finais	67

5. Compartilhando a dor: o papel das redes sociais no luto parental	69
Resumo	69
Abstract	69
5.1 Método	75
5.1.1 Participantes	75
5.1.2 Instrumentos e Procedimentos	75
5.1.3 Cuidados Éticos	76
5.1.4 Análise e discussão dos resultados	76
5.2 Rede de apoio informal	77
5.3 Rede de apoio formal	81
5.4 Considerações Finais	85
6. Conclusão	87
7. Referências bibliográficas	91
8. Anexo I: Perfil dos Participantes	99
Anexo II: Roteiro das Entrevistas	100
Anexo III: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	101

INTRODUÇÃO

*“Rosa em botão, crisálida entre luzes,
 Foste o escolhido na tremenda ceifa!
 Ah! quando a vez primeira em meus cabelos
 Senti bater teu hálito suave;
 Quando em meus braços te cerrei, ouvindo
 Pulsar-te o coração divino ainda;
 Quando fitei teus olhos sossegados,
 Abismos de inocência e de candura,
 E baixo e a medo murmurei: meu filho!
 Meu filho! frase imensa, inexplicável,
 Grata como o chorar de Madalena
 Aos pés do Redentor ... ah! pelas fibras
 Senti rugir o vento incendiado
 Desse amor infinito que eterniza
 O consórcio dos orbes que se enredam
 Dos mistérios do ser na teia augusta!
 Que prende o céu à terra e a terra aos anjos!
 Que se expande em torrentes inefáveis
 Do seio imaculado de Maria! “*
 (Fagundes Varela, Cântico do Calvário, 1863)

A morte prematura do filho Emiliano, com apenas três meses de idade, inspira o poeta Fagundes Varela a escrever o que viria a ser seu mais famoso poema, retratado, em parte, nesta Introdução. Nele, o poeta descreve a dor mais terrível de todas, causada pela perda do filho. Ao ler a obra inteira, não há como não se comover pela intensidade do sofrimento narrado do pai em luto, mas também pela beleza da escrita. Segundo relatos, Fagundes Varela nunca mais se recuperou dessa perda, passando a levar uma vida boêmia e vindo a falecer aos 33 anos. O poeta travou uma luta contra a solidão e a culpa pela morte do filho. A vida para ele tornou-se sofrimento semelhante ao que passou Jesus a caminho do Monte Calvário, daí o título do poema. Deseja e espera encontrar o filho na eternidade e, por isso, deseja a morte, pois para ele não há saída.

Na primeira vez em que lemos o poema de Varela, boa parte deste trabalho já havia sido escrito. As entrevistas com as mães e os pais enlutados, sujeitos da pesquisa, já tinham sido realizadas. Elas levaram horas, algumas delas regadas a sucos, bolos, cafezinhos e muito choro. Os sujeitos desta pesquisa são pais que, assim como o poeta, se encheram de esperança ao verem seus filhos pela primeira

vez, quando se tornaram pais. Porém, foram acometidos pela tragédia de perderem eles de forma trágica, ainda jovens, em acidentes de trânsito. Ao pesquisar o tema, nos deparamos com o estranhamento de algumas pessoas que perguntavam: “Não tem nada mais alegre ou leve para você pesquisar não?” Logo, ficou evidente que encontraríamos algumas dificuldades neste percurso, atreladas, principalmente, à dificuldade da sociedade contemporânea ocidental em falar de perdas, de derrotas ou de fracassos. Muitas vezes, a perda de um filho é considerada fracasso, até mesmo pelos pais enlutados, que se culpabilizam por não terem conseguido proteger seus filhos da morte (Parkes, 1998). O estigma que acompanha o tema provoca dificuldades no doloroso processo do luto parental, pois os pais enlutados carregam em suas testas a possibilidade concreta de que a ordem natural da vida pode ser invertida. Pais também enterram filhos.

Em importante livro sobre o tema do luto, Franco (2010) dá o título ao primeiro capítulo, perguntando “Por que estudar luto na atualidade?”. Essa indagação nos levou a pensar o que nos levava a estudar o luto de pais que perderam filhos em acidentes de trânsito, no doutorado. Deparamo-nos com os dados alarmantes do aumento da violência no trânsito, que levou as Nações Unidas a proclamar 2011-2020 a década de ação pela segurança no trânsito. As principais pessoas atingidas por essa violência são os jovens entre 15 e 29 anos de idade (Waiselfisz, 2013). Essas mortes trazem à tona o luto parental. A morte de um filho, de forma inesperada e trágica, tem efeitos duradouros na saúde física e emocional dos pais, exigindo deles estratégias de enfrentamento e adaptação (Denhup, 2017; Neimeyer, 2016; Lichtenthal; Neimeyer; Currier, 2013).

Abordar o processo do luto apenas pelo viés psicológico seria reforçar o estigma que ele carrega, mantendo-o no campo do íntimo e no espaço privado. Na pesquisa de mestrado, investigamos o luto materno de filhos adultos. Os dados colhidos apontavam para o esforço que as mães enlutadas faziam para manter a memória de seus filhos viva e aplacar a culpa pela possibilidade de esquecê-los. Mais ainda, elas lutavam para que a sociedade a sua volta, principalmente familiares e amigos, não tentassem fazê-las esquecer. Por meio de rituais privados e das conversas em grupos de enlutados, as mães mantinham o vínculo com seus filhos vivo. A partir desses dados, surgiu o interesse em ampliar o estudo do tema do luto parental, no doutorado, levando-o da esfera privada para a pública, rompendo o silêncio que acompanha as pessoas enlutadas, abordando os rituais

realizados pelos pais enlutados e o papel das redes de apoio, ou seja, abordar o luto em seu aspecto cultural e social. O objetivo seria estudar o tema do enlutamento ou enlutar-se que significa a expressão pública do pesar (Franco, 2002), ou seja, a maneira como os pais enlutados compartilham seu pesar e com quem eles compartilham, atravessada pelo olhar da cultura, que fornece também os significados que serão construídos (Neimeyer, 2014).

Procuramos, então, grupos de apoio a enlutados e o contato com o grupo NAVI (Núcleo de Apoio à Vítima de Trânsito), realizado no Detran, na cidade do Rio de Janeiro, foi fundamental e enriquecedor para o estudo. Por alguns meses, frequentando uma vez por mês o grupo, como observadora, ouvimos pais e mães que sofreram perdas inesperadas e violentas no trânsito. Frases do tipo *“eu me sinto um cadáver”*; *“eu sangro muito por causa da minha dor”*, *“dor que não cicatriza”*, *“eu não entendo como foi acontecer com ele”*, *“esse espaço é nosso, podemos expressar sem crítica e com respeito”*, *“a gente vai se acostumando com o saco de cimento nas costas”* iam ao encontro de artigos e trabalhos lidos até ali e manifestavam sentimentos, reações e comportamentos dos enlutados frente a sua dor e diante da sociedade. Em muitos encontros, os pais relatavam que somente ali podiam manifestar o desejo de morrer ou somente ali se compreenderia cantar parabéns para a filha que estaria completando 26 anos, caso não tivesse sido atropelada na calçada. Frequentar esse grupo nos instigou a aprofundar o tema do espaço que é dado aos enlutados para falar de suas perdas na sociedade atual. Será que só lhes resta os grupos de apoio? Quando um participante diz “espaço nosso” significa que o espaço fora do grupo não é deles? O que isso significa?

A atitude social frente à morte de filhos, que leva os pais a um tipo de ostracismo emocional (Rebelo, 2013) fez com que uma mãe enlutada, dois meses após o acidente da filha em um helicóptero, criasse o Instituto Mães Sem Nome, o qual conhecemos. Junto a outras mães enlutadas, elas lutam para que seu luto seja manifesto e que a sociedade como um todo o acolha e se torne sensível a este fenômeno, por meio do compartilhamento da dor e de ações concretas de ajuda aos pais enlutados. Uma dessas ações foi o lançamento da “Cartilha Jurídica do Luto: orientações práticas e jurídicas aos familiares”. No evento de lançamento, se discutiram políticas públicas para o luto e a assistência ao enlutado no que se refere ao enterro, cremação e procedimentos junto ao Instituto Médico Legal. Dessa maneira, em mais um exemplo, tenta-se abolir o viés estigmatizante do luto

como um processo íntimo e privado somente, que isola os enlutados, tornando-o um assunto de toda a sociedade.

Os modelos psicológicos negligenciam o aspecto de que o luto é moldado socialmente, inibindo a compreensão da complexidade individual, social e cultural do fenômeno, além de ignorar a diversidade das formas de expressão de sofrimento associado a este fenômeno. O viés psicologizante sobre o luto teve como consequência a construção de um paradigma de estudo privado da subjetividade que produziu implicações sociais, como o policiamento, a medicalização e a disciplinarização da experiência da perda (Walter, 2000; Valentine, 2006). O modo de enlutamento pautado na privacidade e na solidão íntima torna os relacionamentos sociais e os rituais de luto pouco significativos, enquanto práticas que favoreçam uma promoção da elaboração do mesmo. Assim, o enlutamento na contemporaneidade passa a ser da ordem dos sentimentos privados e inacessíveis à maioria das pessoas, mesmo as mais familiares (Koury, 2003; Luna & Moré, 2013).

Ao invés de pensar somente nas reações emocionais e nas consequências na vida dos enlutados após a perda de pessoas queridas, no sentido da reconstrução de suas identidades, pensamos que a Psicologia deve se aliar às Ciências Sociais a fim de compreender de que maneira e com qual intensidade a cultura atravessa as vidas dos sujeitos e molda suas atitudes, muitas vezes gerando mais sofrimento e fazendo com que aquele que sofre chegue aos consultórios de psicoterapia cobertos por uma angústia muitas vezes inominável. Em muitos desses casos, os enlutados, agora vistos como doentes, são medicados e, mais uma vez, seu pesar é silenciado. Bezerra (2010) discute o processo de destradicionalização que vem sendo observado nas chamadas sociedades de risco, nas quais o indivíduo não pertence mais a uma malha social e nem está mais inserido em um contexto sociocultural; ele é um ser autônomo e livre para tomar as suas decisões e caminhar em busca de sua felicidade. Neste cenário, segundo o autor, a Psiquiatria encontra-se como mais uma disciplina que reflete a dinâmica normativa e reproduz o discurso dominante que organiza a compreensão do sofrimento e as formas de agir sobre ele.

Em face do exposto, este estudo buscou compreender o processo de luto de pais que perderam filhos em acidentes de trânsito, partindo de alguns questionamentos surgidos no decorrer da pesquisa inicial: de que maneira é

vivenciado o processo de luto em uma sociedade que tenta silenciar o enlutado? Como os rituais ajudam o enlutado? De que forma o enlutado compartilha sua dor com as redes de apoio? Que significados são construídos para explicar a morte? Como manter vivo o vínculo com o filho morto?

O projeto de pesquisa que deu origem a este estudo foi aprovado pelo Comitê da Universidade onde foi desenvolvido. Os participantes foram recrutados por meio da rede social da pesquisadora e a partir do contato com o NAVI (Núcleo de Apoio a Vítimas do Trânsito), na cidade do Rio de Janeiro. Os nomes dos pais utilizados ao longo do trabalho foram devidamente substituídos por nomes fictícios. Participaram do estudo dez pais, sendo oito mulheres e dois homens.

Com o objetivo de obter maior aprofundamento sobre o tema, dividimos esta tese de doutorado em quatro artigos. No primeiro artigo, investigamos o papel dos rituais no processo de luto parental. No segundo, abordamos as formas pelas quais os pais enlutados continuam o vínculo com seus filhos após a morte destes. No terceiro, investigamos a construção de significados no processo de luto parental. Por fim, no quarto artigo, apresentamos o papel das redes de apoio social nas experiências dos pais enlutados.

ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO: RITUAIS NO PROCESSO DE LUTO PARENTAL

Resumo

O presente artigo é parte de pesquisa mais ampla sobre o processo de luto de pais que perderam filhos por acidente de trânsito. O objetivo deste estudo foi investigar o papel dos rituais no processo de luto de pais que passaram por esta experiência. Foram entrevistados 10 sujeitos, dois pais e oito mães. As entrevistas foram analisadas pelo método de análise de conteúdo. Os resultados obtidos indicam a privatização da experiência do processo de luto: o que era antes uma experiência pública, atualmente é vivenciada por meio de rituais reservados, de forma solitária e individual. Os pais enlutados criam rituais e práticas, particulares e originais, mas ao mesmo tempo repletas de sentido, de forma a manter o vínculo com seus filhos falecidos. Alguns entrevistados construíram memoriais nos locais dos acidentes com o objetivo de tornar visíveis suas perdas, deslocando o sofrimento da esfera privada para a pública e gerando uma experiência compartilhada. Foi ressaltada ainda a importância da participação de familiares e amigos nos rituais fúnebres, um fator de proteção para o desenvolvimento do processo de luto saudável.

Palavras-chave

Luto; morte; rituais.

Abstract

Abstract

The present article is part of a broader research on the mourning process of parents who lost their children in traffic accidents. The purpose of this study was to investigate the role of mourning rituals of parents who have undergone this experience. The authors interviewed 10 subjects – 2 fathers and 8 mothers – and

analyzed the interviews using the content analysis method. The results show the privatization of the mourning process: what used to be a public affair is currently experienced through reserved rituals, in a lonesome and individual fashion. Mournful parents create rituals and routines, both particular and original yet full of meaning, in order to maintain a bond with their deceased children. Some interviewees built memorial shrines at the sites of the accidents aiming to display their loss, shifting suffering from the private sphere to the public sphere, generating a shared experience. The authors also stress the importance of the participation of family and friends at funeral rituals, a protection factor for the development of a healthy mourning process.

Keywords

Mourning; death; rituals.

Os rituais norteiam as relações entre povos e culturas ao longo da vida, são práticas repetidas que manifestam a transformação das relações entre os diferentes atores sociais, do nascimento à morte. Em relação aos rituais funerários, estes vêm sendo usados pelos homens desde os tempos pré-históricos, com o objetivo de lidar com a maior ou menor crise instalada pelas alterações que a morte de uma pessoa ocasiona a seus familiares e ao grupo social ao qual pertence. Morin (2001) observa que as sepulturas são consideradas provas evolutivas de humanização, estando presentes desde o homem de Neanderthal até os dias atuais. Para Thomas (1996), a função primordial dos ritos funerários é curar ou prevenir aqueles que a morte atingiu, além de assegurar aos enlutados que seus mortos terão paz e sobrevivência em outro plano. Para Peirano (2006), religiosos, profanos ou revestidos de um caráter solene, os rituais podem ser considerados *performances*, ou seja, são ações repetidas e executadas por um corpo vivo, reunindo os membros da comunidade a fim de partilharem momentos especiais, por meio dos quais atribuem sentido àquela experiência.

Nada pode ser mais incompreensível e sem sentido do que a morte de um filho para seus pais (Franqueira, Magalhães & Féres-Carneiro, 2015; Stroebe, Schut e Finkenauer, 2013; Arnold, 2008; Rando, 1986). Além da perda em si, invertendo a ordem natural do ciclo de vida, as circunstâncias da morte podem gerar dificuldades no desenvolvimento do processo de luto. Mortes violentas,

repentinhas e prematuras são apontadas como fatores de risco para o enlutado, pois não permitem os rituais de despedida, não preparando psicologicamente o enlutado e causando o rompimento traumático do vínculo afetivo (Worden, 1998). Nesse sentido, os rituais fúnebres cumprem a função de auxiliar os enlutados a se confrontarem com a realidade da perda. Em pesquisa em que entrevistou pais enlutados, Parkes (1998) relata que aqueles que tinham perdido filhos por morte súbita, em acidentes automobilísticos, sentiam mais raiva, depressão e culpa do que outros que perderem filhos com alguma doença da qual tinham conhecimento.

A abordagem freudiana do luto constituiu-se no primeiro passo no estudo do luto sob um ponto de vista psicológico, referencial principal sobre o qual todas as teorias subsequentes foram construídas. Para Freud (1917), o luto é um trabalho psíquico de desligamento dos laços libidinais que atam o indivíduo ao seu objeto de amor perdido, sendo necessário que o enlutado passe por uma prova de realidade de que aquele objeto não existe mais. Na língua inglesa, há um termo para designar os aspectos psicológicos e outro para designar os aspectos sociais do luto, o que não existe na língua portuguesa. *Grief* é traduzido para a língua portuguesa como pesar, referindo-se à experiência da perda propriamente dita, seus fatores emocionais, comportamentais e fisiológicos, aspectos abordados por Freud (1917). *Mourning* é traduzido como enlutar-se ou enlutamento, que seria a expressão pública do pesar, a dimensão pública do luto, ou seja, a manifestação externa da dor, em geral moldada por convenções sociais, pela cultura e mediada por rituais (Franco, 2002;2010).

O processo de luto é doloroso, complexo e demanda tempo e condições de elaboração. Para Neimeyer, Klass e Dennis (2014), tanto o aspecto privado quanto o público do luto são atravessados por atividades interpretativas e comunicativas. Para o autor, a cultura contemporânea individualista quer nos convencer de que o luto é meramente um fenômeno psicológico interpretativo. O autor pesquisou, especificamente, dois fenômenos que, para ele, são emblemáticos no processo de luto: a maneira como as emoções são expressas pelo enlutado e como a continuidade do vínculo com os mortos é administrada. Para o autor, é preciso ampliar o olhar sobre o luto, na medida em que há mais questões em jogo do que simplesmente o apoio na esfera privada a uma pessoa enlutada após uma perda. Neimeyer (2014) argumenta que a construção e reconstrução dos significados do luto são prioridades urgentes para a maioria dos enlutados, refletidas em tentativas

peçoais para lidar com o significado da perda dentro da sua própria história de vida. As narrativas individuais seriam formas de encontrar significados para a perda e, geralmente, aparecem sob a forma de contos, literatura de autoajuda ou sites de ajuda e suporte a enlutados. Porém, para o pesquisador, é preciso tomar cuidado e compreender que essas narrativas estão inseridas dentro do contexto sociocultural que fornece códigos para o entendimento do processo de luto e para a maneira a como a sociedade e os próprios enlutados devem se comportar. Os rituais têm funções de transformação, transição e continuidade e se efetuam por meio de algumas características como o reconhecimento público da realidade da perda, a externalização da dor e a revisão do mundo de significados.

O campo dos estudos sobre o luto vem mudando e reconhecendo que a continuação do vínculo com a pessoa falecida é fator de proteção para o enlutado. Manter rituais que fazem conexão com a pessoa falecida é uma prática que tem sido valorizada pelas teorias psicológicas contemporâneas. Para Neimeyer, Klass e Dennis (2014), os rituais formais e informais cumprem a função de dar sentido às mudanças mais significativas decorrentes da perda da pessoa amada, ao mesmo tempo em que conferem sensação de continuidade entre o que aconteceu e o que acontecerá após a perda. Todos os rituais têm em comum o emprego de algum tipo de ação simbólica que auxilia a reafirmar a relação com a pessoa que morreu e compreender os novos papéis a serem assumidos. Segundo Segalen (2002), é a dimensão simbólica dos rituais, como conjunto de atos, que confere a eles a crença em seus efeitos. Quanto mais desestruturante é um evento, como a morte súbita de um filho, mais a necessidade de ritualização do mesmo se faz presente a fim de alcançar a totalidade perdida a partir dele.

Ariès (1977/2012) realiza extensa pesquisa na qual estuda as transformações ocorridas desde a Alta Idade Média até a modernidade no que se refere às atitudes do homem em relação à morte. Ele denomina de morte domada a atitude presente na Alta Idade Média, na qual a morte era esperada no leito, por meio de uma cerimônia pública e organizada e os ritos fúnebres eram aceitos e cumpridos de modo cerimonial. Em meados do sex. XX, o modo de expressar e compartilhar a experiência da morte começa a mudar e ela se torna um evento vergonhoso e, por isso, objeto de interdição. Passa-se a evitar qualquer emoção excessivamente forte que impeça o homem de levar uma vida feliz. Segundo Ariès (1977/2012), embora os rituais de morte não tenham acabado

completamente, sua carga dramática diminuiu. Como consequência do afrouxamento das regras e das convenções sociais, observa-se a diminuição das redes sociais significativas a fim de apoiar o enlutado, que passa a sofrer solitariamente. Observa-se a desritualização do luto, antes uma experiência eminentemente pública e, agora, tratada como um assunto íntimo, privativo. Hoje, o enlutado não conta mais com os recursos sociais, disponíveis nas sociedades tradicionais.

Em pesquisa realizada com 1.304 indivíduos que respondiam acerca de como deveria ser o comportamento ideal de uma pessoa que sofreu uma perda, Koury (2003) aponta que 77.60% dos entrevistados responderam “ser discreto”. Em outra pergunta, sobre qual deveria ser a atitude das pessoas em relação à outra que sofre uma perda, 72.1% responderam “não importunar”, enquanto somente 18.7 % responderam “dar apoio”. Manter a dignidade e o controle das emoções tornaram-se as condutas ideais e esperadas de alguém que participa dos rituais fúnebres e de quem sofre uma perda. Essa economia das emoções é demonstrada pelas pessoas que comparecem aos rituais, como velório e enterro, sendo aconselhável que deixe o enlutado vivenciar sua perda de forma privada nos dias seguintes. Para Elias (2001), o silêncio da comunidade se dá por um desconforto diante de tudo que se refere à morte. Diferentemente dos ritos tradicionais, que forneciam as palavras e os gestos adequados para o momento, hoje falta a espontaneidade diante de alguém que sofre uma perda e o número de palavras para essas ocasiões é relativamente pequeno, ao mesmo tempo em que as fórmulas convencionais já estão ultrapassadas.

No contexto brasileiro, nos grandes centros urbanos, mantêm-se alguns rituais de cunho religioso, como velórios, missas de sétimo dia e de um ano de morte. Os cultos de corpo presente em casa foram abandonados, assim como o cortejo fúnebre e a visita aos cemitérios (DaMatta, 2011). Ariès (1977/2012) aponta essa mudança no comportamento de ida ao cemitério desde o século XVI. Antes disso, os corpos mortos eram de responsabilidade da Igreja, enterrados em seus pátios e não havia nenhuma possibilidade de saber onde se encontravam exatamente. A partir da segunda metade do século XVIII, observa-se a separação entre os mundos dos vivos e dos mortos para que estes não envenenassem mais os vivos, sendo transportados para longe. Uma das justificativas usadas para tal mudança era a saúde pública, comprometida por conta das emanações pestilentas

e os odores provenientes das fossas. Dessa maneira, o defunto volta a ser propriedade e responsabilidade das famílias e não mais da Igreja. Segundo Ariès (1977/2012), isso constitui uma grande inovação, pois a concessão da sepultura tornou-se objeto de mercado, favorecendo o consumo. A partir daí, o ritual de visitação ao cemitério torna-se um ato privado. Segundo o autor, o cemitério retoma o lugar físico e moral que havia perdido na Idade Média. Como já vimos, em meados do século XIX, com o esvaziamento dos rituais e a interdição da morte, a visitação aos túmulos perde todo o sentido. Para Ariès (1977/2012), essa seria a causa do aumento da prática de cremação, tornando-se, nos últimos anos, a forma dominante de sepultamento. Com a cremação, o corpo morto desaparece mais rapidamente dos olhos daqueles que querem esquecer que a morte existe. O mercado funerário vem tentando acompanhar essas transformações, apresentando novidades, como os cemitérios verticais, cemitérios na forma de jardins e crematórios. Muitos corpos são encaminhados para os crematórios e tem aumentado o número daqueles que ainda em vida já manifestam o desejo de serem cremados. Assim, a virada do século XIX para o XX marca um período de transição para um novo modelo de relação entre vivos e mortos (Castro, 2012; Ariès, 1977/2012).

Além da cremação, o uso de técnicas como a tanatopraxia e necromaquiagem favorece o desaparecimento do corpo morto, fazendo com que os mortos pareçam vivos. A lógica do consumo passa a guiar as práticas funerárias (Veras, 2015). A sociedade passou a terceirizar as práticas de cuidado com os corpos de seus familiares mortos. Como consequência disso, surgiram os profissionais da área, os agentes funerários, denominados, muitas vezes, de “papa defuntos”. Esses profissionais tornam-se cada vez mais necessários em uma sociedade na qual os sujeitos tentam esconder a morte. O espaço de despedida e reunião de familiares e amigos, a preparação do corpo no caixão, e a compra de velas e coroas de flores passam a ser de responsabilidade de empresas contratadas. No Brasil, já estão presentes os serviços denominado *funeral homes*, que tiveram sua origem nos Estados Unidos. Sua principal função é assistir a família no momento da perda, possibilitando conforto e privacidade, sendo poupada da tarefa de cuidar de seus mortos, distanciando-se do contato com eles e com a morte em si e assumindo a postura de espectadora. Muitas vezes, razões de ordem higiênica e ausência de condições psicológicas são usadas como justificativas para tal

distanciamento (Câmara, 2011). Entretanto, observa-se uma relação de ambivalência entre a sociedade e os agentes funerários. Ao mesmo tempo em que as pessoas sentem-se gratas pelos seus serviços, também sentem raiva e revolta, pois eles representam, naquele momento de dor, a dura realidade de uma perda ainda não assimilada. Além disso, em uma sociedade de consumo, esses serviços têm custos e, muitas vezes, são altos. Câmara (2011) entrevistou agentes funerários e esses relataram passarem por dificuldades com os familiares no que diz respeito às emoções direcionadas a eles, pois na maior parte das vezes, eles entram em contato com as pessoas enlutadas nos momentos iniciais da perda.

Ver o ente querido morto, por mais chocante que seja, é um confronto saudável com a realidade da perda, sobretudo quando essa ação é mediada por meio de rituais (Chapple & Ziebland, 2010). A atitude de celebrar a morte apressadamente, com pouco ou nenhum rito, sobretudo nas grandes cidades, nas quais o corpo é levado diretamente do hospital ao cemitério, pode ser encarada como uma maneira de não assimilar e até disfarçar a realidade da morte. O cenário contemporâneo, neutro, construído para disfarçar a morte, acaba por limitar a expressão espontânea de um rito de adeus, prejudicando assim o desenrolar do luto (Walter, 2010; Koury, 2014; Neimeyer; Klass & Dennis, 2014). Nas diversas famílias e culturas, há opiniões diferentes sobre ver ou não o corpo e o efeito positivo disso. O vínculo que se tinha antes da morte afeta a maneira como o corpo do morto é visto e os significados dados a ele. Em pesquisa que abordou o tema da perda de filho, verificou-se que ver, tocar, vestir, ou seja, cuidar do corpo do filho foram atos naturais, esperados e repletos de significado pelos pais enlutados, apesar de dolorosos (Mowll, Lobb e Wearing, 2016). Em estudo em que entrevistou mães enlutadas que tiveram contato com o corpo de seus filhos mortos, Martins (2001) denomina maternagem do morto o ato delicado com o qual elas cuidam dos corpos de seus filhos mortos. Segundo a autora, são os mesmos gestos de vida e amor usados pelas mães desde que seus filhos nasceram e que implicam em cuidar, beijar e acariciar. Entretanto, muitas vezes, profissionais que trabalham com identificação dos corpos e preparo dos mesmos não permitem que familiares vejam o corpo de seus entes queridos, imaginando que eles ficarão bastante abalados emocionalmente.

Pinho (2015) aponta modos de rituais que surgem na contemporaneidade, na tentativa de levar o pesar da esfera íntima e privada para o espaço público,

anunciando para a sociedade que aquela perda aconteceu. Entre eles, a pesquisadora cita as tatuagens *in memoriam*; a criação do perfil da pessoa morta (*dead profiles*) em redes sociais virtuais; e os tributos prestados espontaneamente em espaços públicos, tal como a *ghost bike* (bicicleta fantasma). No Brasil, já se observa esse último. Ele se caracteriza por colocar uma bicicleta branca no local onde um ciclista foi morto por um veículo motorizado e representa um memorial, deixando mensagem para os motoristas que passam por ali. Na maioria dos casos, uma placa é presa à bicicleta, com o nome do ciclista morto e a data a morte (https://pt.wikipedia.org/wiki/Bicicleta_fantasma).

Santino (2006) denomina altares espontâneos os memoriais que são construídos nas cidades para marcar os locais das mortes. Eles sinalizam a separação entre a dor privada, sentida pela pessoa enlutada, e o sentimento de luto coletivo; entre memória individual e memória coletiva; entre público e privado. Por meio dos altares, o pesar pela perda de uma pessoa querida torna-se público. Em acidentes automobilísticos, frequentemente, são colocadas cruzes, velas ou flores nos locais em que eles ocorreram. Além de fazerem homenagem, eles têm a função de mostrar que essas mortes poderiam ter sido evitadas (Grisales, 2014). Walter (2008) denomina enlutamento público as vivências coletivas que, por meio de ações dirigidas à comunidade, como, por exemplo, a construção de altares públicos nas estradas rodoviárias em que ocorreram as mortes, manifestam publicamente as circunstâncias violentas daquelas mortes que poderiam ter sido evitadas.

Diante deste cenário de privatização da experiência do luto, na qual resta ao homem contemporâneo vivenciar a perda do ente querido no espaço privado, este estudo teve por objetivo investigar o papel dos rituais no processo de luto de pais que perderam filhos em acidentes de trânsito.

2.1

Método

2.1.1

Participantes

Participaram do estudo dez pais, sendo oito mulheres e dois homens. As idades dos filhos variam de 16 a 42 anos. Embora todos os filhos dos sujeitos da pesquisa tenham morrido em decorrência de acidente de trânsito, sete deles morreram no local do acidente e três foram resgatados com vida, vindo a falecer alguns dias depois. A Tabela 1 (em anexo) apresenta a descrição do perfil dos participantes.

2.1.2

Instrumentos e procedimentos

Como instrumento de investigação, realizou-se, com cada participante, uma entrevista com roteiro semiestruturado, composto pelos seguintes eixos temáticos: *o processo de luto; fatores de proteção e de risco; presença de rituais fúnebres; redes de apoio; especificidades da perda de filho; grupos de suporte ao enlutado*. As entrevistas foram gravadas, com a autorização dos participantes, tiveram duração média de três horas e ocorreram no consultório da pesquisadora ou nas casas de alguns participantes, de acordo com a preferência e conveniência de cada um.

2.1.3

Cuidados éticos

O projeto de pesquisa que deu origem a este estudo foi aprovado pelo Comitê da Universidade onde foi desenvolvido. Os participantes foram recrutados por meio da rede social da pesquisadora e a partir do contato com o NAVI (Núcleo de Apoio a Vítimas do Trânsito), na cidade do Rio de Janeiro. Os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os

nomes dos pais utilizados ao longo do trabalho foram devidamente substituídos por nomes fictícios.

2.1.4

Análise e discussão dos resultados

O material das entrevistas foi transcrito e submetido ao método de análise de conteúdo, na sua vertente categorial, com a finalidade de investigar, a partir do material discursivo, as significações atribuídas pelos participantes aos fenômenos. Por meio da técnica categorial, foram destacadas categorias temáticas, organizadas a partir da semelhança entre os elementos contidos no material coletado. Para tal, procedeu-se a uma “leitura flutuante”, agrupando-se dados significativos, identificando-os e relacionando-os, até se destacarem as categorias de análise (Bardin, 2011).

Os rituais realizados pelos sujeitos da pesquisa revelaram-se fatores de proteção ao processo de luto parental. Em mortes inesperadas, de forma específica, eles cumprem a função de organizar as emoções e permitem que enlutados se despeçam de seus entes queridos. A partir do material discursivo, emergiram várias categorias de análise. Para atingir o objetivo deste trabalho, será discutida a categoria rituais no processo de luto, que se desdobrou nas seguintes subcategorias: *a despedida*; *rituais públicos*; *rituais privados*.

2.2

A despedida

A despedida do filho torna-se um momento essencial no processo de luto parental, configurando-se em um ritual simbólico repleto de significado, principalmente em casos de mortes inesperadas. O adeus ao filho acontece, muitas vezes, nos locais onde ocorreram os acidentes ou nos Institutos Médicos Legais, para onde os corpos são levados e devem ser liberados pelos responsáveis, após seu reconhecimento. Nos relatos dos pais entrevistados, verificou-se a necessidade de falarem sobre o momento em que viram os corpos de seus filhos. Dois pais e uma mãe foram ao local do acidente, pouco tempo depois dele ter acontecido.

Cláudio foi acompanhado de seu filho mais velho. Apesar do choque ao confirmar que era realmente a sua filha que estava morta, Cláudio conseguiu realizar um ritual de despedida no local do acidente.

Eu fiquei no chão com a minha filha, fazendo carinho nela, acariciando, ou seja, me despedindo, eu fiquei o tempo inteiro, sentado no chão, fazendo carinho no rosto dela, de mão dada com ela, o corpo dela quentinho ainda, face lisa, acariciando o cabelo dela e conversando com ela, foi muito importante. (Cláudio)

Embora chorando muito ao relatar essa cena, Cláudio fala da importância deste momento com a filha morta, momento em que ele cuida dela e de despede. A partir da descrição, pode-se afirmar que ele realizou um ritual no asfalto. Os rituais fúnebres são momentos de despedida e começam quando as pessoas enlutadas entram em contato com os corpos mortos de seus entes queridos. Os rituais cumprem a função de possibilitar a externalização da dor, da mesma maneira que implicam no reconhecimento de um lugar seguro no tempo para a sua manifestação e seu compartilhamento (Neimeyer, 2007).

Felipe e Maria também foram ao local do acidente, logo depois de serem informados por telefonemas que os filhos tinham sofrido um acidente grave. A dificuldade de acreditar na morte dos filhos quando chegam ao local do acidente é verificada em seus relatos, que fornecem a medida do impacto da irrupção daquele evento inimaginável para os pais.

Eu cheguei e ainda vi o XXX (nome do filho) o dentro do carro, preso, mas já sem vida. Eu sei que é um chavão, mas ele é mais do que verdadeiro, a ficha demora muito pra cair. Por incrível que pareça fiquei ali, em pé, ao lado do carro com meu filho ali sem vida. (Felipe)

A minha família já estava toda lá, eles estavam numa roda, abraçados e eu descí. Naquele momento, você acredita que eu não consegui chorar, eu olhei pro corpo eu falei cadê a XXX (nome da filha), cadê a ambulância? E aí eu olhei assim pro corpo, vi o All Star de couro e aí eu sentei no meio fio e comecei a ligar paras pessoas, eu fugi totalmente. (Maria)

Os relatos de Felipe e Maria demonstram a dificuldade de se conscientizar de um evento tão traumático e doloroso como a morte de um filho de forma inesperada e trágica. Apesar disso, os resultados de pesquisas confirmam que ver o corpo de seus entes queridos mortos é um fator de proteção para os processos de luto das pessoas (Mowll, Lobb e Wearing, 2016; Chaplan e Ziebland, 2010). Logo depois de verem os corpos de seus filhos mortos, ainda em choque, sentimento

comum que ocorre com maior frequência em mortes súbitas (Worden, 1998), Felipe e Sueli relatam as experiências de contato dos profissionais que solicitavam que assinassem papéis para receber o seguro ou que comprassem o melhor caixão para seus filhos.

Um cara bateu no meu ombro pedindo para eu assinar o seguro Dpvat, que ele era advogado, eu dei um grito, some daqui que eu não quero ouvir falar neste maldito seguro, se eu assinasse ele ia receber pela gente. Com dez minutos, veio um outro cara, de terno e gravata, com um book de corbélías para a gente escolher, é de uma insensibilidade! É a lei do mercado, é o urubu que fica ali. (Felipe)

Sai de lá, pior, o papa defunto da funerária, começa com aquele papo da última homenagem que você vai fazer ao seu filho, aí meu marido falou olha só, se tem alguma coisa que meu filho era, era a pessoa mais simples do mundo, eu quero um caixão simples, pode ser esse daqui, o cara queria vender o de jacarandá. (Sueli)

Nos relatos acima, percebe-se a transformação da morte em mais um produto de consumo, característica das sociedades contemporâneas. Da mesma maneira que se vendem estilos de vida, vendem-se também estilos de morte (Veras, 2015). Felipe salienta a “insensibilidade” do profissional que o aborda, denominado por ele de “urubu”, enquanto Sueli o chama de “papa defunto”. O sentimento de revolta em relação ao profissional que oferece o melhor caixão para seu filho expressa a relação de extrema ambivalência, pois cuidar da morte e do corpo morto, em um momento de extrema dor, parece apontar a crueldade de ganhar dinheiro com tal atividade (Câmara, 2011). Sueli e o marido encontraram o corpo do seu filho já no Instituto Médico Legal (IML). Lá chegando, os pais se depararam com o corpo morto de seu filho. Sueli se ressentiu de não ter podido tocar e cuidar do seu filho, ato natural e esperado de uma mãe e repleto de significado. Além disso, permaneceram pouco tempo com ele, tendo que se dirigir à delegacia para resolver assuntos legais que envolveram o acidente. Essa experiência foi relatada de forma bastante dolorosa por Sueli. *“Abriram a terceira gaveta era ele, ele estava com a roupa toda suja de sangue, não tinha nada no corpo, sabe quando você fica querendo ajeitar, colocar o cérebro dentro do ponto, mas não me deixaram tocar nele”*.

No relato de Sueli, observa-se o que Martins (2001) denominou maternagem do morto, o ato de cuidar do filho morto da mesma maneira em que era cuidado quando estava vivo. No caso de acidentes, os trâmites para a liberação do corpo encurtam a permanência com o filho morto, gerando bastante

frustração por parte dos pais, como observamos no relato de Sueli, que gostaria de ter cuidado do corpo do seu filho. Mowll, Lobb e Wearing (2016) afirmam que ver, tocar, vestir, ou seja, cuidar do corpo do filho morto são atos naturais, esperados e repletos de significado para os pais, apesar de dolorosos. Patrícia teve uma experiência diferente ao chegar ao IML, onde se encontrava o corpo da sua filha. Ela reconheceu e valorizou o trabalho do funcionário do Instituto Médico Legal que, embora não a tivesse deixado ver a filha, preparou cuidadosamente o corpo, deixando sua filha parecendo a “Bela Adormecida”. *“Foi uma surpresa para mim, o rosto dela perfeito, pensavam que ia chegar lá caixão lacrado, ela está perfeitinha, colocaram um turbante, umas flores do jeito que ela gostava de colocar no cabelo, parece que adivinharam. Parecia a Bela Adormecida.”*

Os relatos de Felipe, Sueli e Patrícia refletem a ambivalência da sociedade contemporânea na relação com os profissionais que cuidam dos corpos de seus entes queridos. Ao mesmo tempo em que a profissão de agente funerário torna-se cada vez mais necessária em uma sociedade que terceirizou os cuidados com seus mortos, porque não tolera mais a morte, a necessidade deste profissional transforma um ato cheio de significação simbólica em uma ação meramente econômica (Câmara, 2011). O sofrimento de uma pessoa enlutada não é mais um problema coletivo e o pesar precisa ser vivenciado de forma rápida e discreta (Koury, 2003; 2014).

2.3

Rituais públicos

Os rituais funcionam como agentes transformadores, principalmente em mortes inesperadas. Ritualizar a morte favorece o processo de luto. Rituais como o velório e enterro se efetuam por meio do reconhecimento público da realidade daquela perda. Além disso, eles têm a função de solidificar os laços de solidariedade do grupo. Por meio da manifestação pública da dor, as pessoas enlutadas sentem-se acolhidas e podem construir algum significado para o evento trágico. O reconhecimento público é um fator importante para que pessoas enlutadas não se sintam isoladas em sua dor e possam contar com a comunidade na qual aquele acidente ocorreu. Os rituais de velório, os memoriais e o ritual de

jogar as cinzas, tornam-se significativos no sentido de possibilitar o compartilhamento público dos sentimentos decorrentes da perda.

Os velórios se configuram como uma oportunidade de dar início à despedida. No caso de mortes acidentais, eles se tornam extremamente importantes permitindo à pessoa enlutada vivenciar sua perda. Alguns pais descreveram os rituais de velório, salientando a importância da ajuda de algumas pessoas, sobretudo outros filhos e amigos que cuidaram dos preparativos, já que eles estavam fragilizados emocionalmente para assumir tarefas práticas. Patrícia relata a participação fundamental do filho mais velho. *“O XXX (filho) assumiu todo o comando de irmão no velório, no sepultamento, ele parecia um diplomata recebendo todo mundo, alguém tinha que segurar a onda né?”* Adriana também contou com ajuda do outro filho na preparação do ritual. *“Esse meu filho foi que resolveu tudo, tenho muita preocupação ainda com ele, porque ele resolveu tudo da morte do outro, arrumou, apanhava roupa aqui comigo, perfume para passar, no IML, 20 anos, muito novo.”* Elisa destaca a participação de amigos na preparação do ritual de velório.

Fiquei na minha, chorando, não o vi mais, aí me levaram para casa, um monte de coisa para resolver, amigas que são irmãs foram lá para casa comigo, fomos ver roupa para levar pro XXX (filho). (Elisa)

Nos relatos acima, a importância da atuação de familiares e amigos no processo de liberação do corpo, na escolha das roupas e também nas homenagens ao morto durante o ritual do velório é ressaltada. Além de consolar o enlutado, o ritual do velório, momento em que ocorre a última relação com o morto, o reconhecimento dado pela comunidade à perda é bastante importante. Além disso, os cuidados com o morto sinalizam que os vivos estão assegurando aos mortos paz e sobrevivência no Além. Dessa forma, o ritual fúnebre implica o apoio solidário e apaziguador dos enlutados fornecido por toda a comunidade (Pinho, 2015). Segundo Martins (2001), os rituais marcam a perda do ente querido, assim como fazem emergir o imaginário coletivo. Mediante os rituais, as pessoas reafirmam sua solidariedade e sua interdependência. Isso é bastante importante nos dias de hoje, em que cada vez mais se observa a individualização das relações.

Novos rituais têm sido inventados a fim de levar o pesar da esfera íntima e privada para o espaço público, contribuindo para registrar, no espaço social, a

perda do ente querido. As mortes decorrentes de acidentes de trânsito ocorrem no espaço público, portanto, o ritual público torna-se repleto de significado (Pinho, 2015). Alguns pais entrevistados retornaram ao local do acidente e realizaram uma espécie de homenagem a seus filhos mortos, construindo altares espontâneos, para usar a expressão de Santino (2006). Por meio deles, mostrando à comunidade que ali ocorreu a morte, evidencia-se a importância de trazê-la de volta do espaço privado e íntimo para o espaço público.

Eu fui a uma floricultura, comprei uma rosa branca e fui de carro até lá. Parei e coloquei ali, ainda tinha resto de vidro, algumas pessoas ficaram paradas olhando, algumas vieram conversar comigo, por que eu estava fazendo aquilo. (Felipe)

O canteiro quem criou foi a mãe da XXX (outra jovem que faleceu no mesmo acidente) que era a amiga mais forte da XXX (filha) e obviamente todos nós abraçamos aquilo, nós cotizamos e fizemos aquele gramado em volta e aí anos depois eu fiz aquelas plaquinhas. (Cláudio)

As homenagens de Felipe e Cláudio a seus filhos são demonstrações da tendência contemporânea de expressar a dor no espaço público, observada principalmente a partir do século XIX (Pinho, 2015). Os altares espontâneos (Santino, 2006) são mais do que simplesmente memoriais, eles são importantes para as pessoas enlutadas porque aquele local representa o último lugar no qual o ente querido estava vivo.

O relato de Cláudio destaca a função dos rituais de despedida e sua importância que, segundo Lisboa e Crepaldi (2003), possibilitam tornar a perda real, exprimir sentimentos e redefinir a relação que se tinha com a pessoa que morreu, auxiliando no enfrentamento da perda e no processo de luto posterior. Esse relato foi o único que se referiu a um ritual coletivo, ou seja, que contou com a participação da comunidade, família e amigos. *“No dia seguinte, eu recebi a urna e fizemos um luau na praia que a XXX (esposa) e a XXX (amiga da família) organizaram, fizeram lá uns balões brancos soltando, numa roda, os amigos todos”*.

2.4

Rituais privados

Os rituais privados ganham importância na sociedade atual devido ao afrouxamento das regras e das convenções sociais, que provocou a diminuição das redes sociais significativas, fazendo com que as pessoas enlutadas tenham que vivenciar seu sofrimento de forma privada. Os sujeitos da pesquisa construíram modos particulares de vivenciar sua perda e a manutenção do vínculo com o filho que morreu, por meio de rituais privados. Destacam-se como rituais privados os símbolos (objetos e fotografias) e as visitas ao cemitério, que se configuram como formas particulares e criativas de ritualização repletas de sentido e que mantêm o vínculo com seus filhos mortos. Por meio de fotografias e objetos que lembram os entes queridos que se foram, as pessoas enlutadas se conectam a eles, fazendo com que, pelo menos, em seus pensamentos, eles não sejam esquecidos. Para Walter (1999), este comportamento seria uma reação dos enlutados à indiferença sentida por parte da sociedade. Alguns pais deste estudo mantinham, na época da entrevista, objetos e fotografias que ajudavam a preservar a memória de seus filhos mortos.

Não existe um santuário dela, eu tenho uma prateleira com uma foto dela maior, tem meu livro como uma homenagem que eu fiz a ela e tem um negócio de marcenaria que eu fiz para ela, na sala. Não é um altar, mas é um canto dela. (Cláudio)

As coisas dela estão lá, as bonecas, as roupas, eu uso muita coisa, porque eu não lavo, vestido dela eu uso, o que eu pude aproveitar para mim pra ficar com aquele cheiro eu fiquei. (Patrícia)

Tudo eu preservo, aquilo que eu sempre gostei, eu já guardava antes os objetos pessoais dele, tenho o celular que era dele, duas bermudas que ele mais gostava. (Felipe)

Segundo Neimeyer (2007), os rituais têm a função de estabelecer uma conexão com o objeto perdido. Ao invés de romper os laços, manter objetos e fotografias ajuda a consolidar recordações e reconhecer a continuidade da influência que têm os mortos nas vidas dos sobreviventes. Além deles, pais relataram atos que realizam, mesmo após um longo tempo decorrido da morte de seus filhos e que os reconectam a eles.

No primeiro ano, todo dia 17, o dia da morte, eu fazia alguma coisa, ou eu via um filme que a gente gostava de ver, ou fazia um post com uma música que a gente gostava. (Gabriela)

Toda madrugada eu levanto para ficar com ela, para conversar com ela, com as fotos, toda noite, é coisa minha. (Patrícia)

Cláudio e sua esposa organizaram uma festa para doar as roupas de sua filha falecida. *“Foi a última festa na república, estava cheio de gente, não cabia mais, tão bonito, tocando violão, o quarto dela tinha umas 50 pessoas, então, as roupas ficaram espalhadas na cama dela e aí nós deixamos quem quisesse pegar.”*

Essas narrativas aludem aos rituais privados, como ações que auxiliam na expressão das emoções diante da perda de maneira mais pessoal e caracterizam o tipo de vínculo que se tinha com a pessoa que morreu (Castle & Philipps, 2003). Todos os atos narrados acima têm a função simbólica de auxiliar o enlutado a reafirmar a relação com a pessoa perdida. Além disso, como bem assinalou Walter (1999), os enlutados encontram maneiras, na sociedade contemporânea, de se defenderem da pressão de vivenciarem rapidamente seu processo de luto, criando comportamentos íntimos que os conectam aos seus mortos queridos.

Um grande número de pais da pesquisa relatou não ir ao cemitério, confirmando a ideia de que o distanciamento da sociedade contemporânea em relação à morte se faz presente. Além de se falar pouco sobre ela, a proximidade com velórios, enterros e cemitérios incomoda. Segundo Ariès (1977/2012), o declínio do culto público dos mortos não implicou em indiferença, pois o pesar continua, mas assumiu um caráter íntimo, pessoal e discreto. Os relatos de Lúcia refletem a mudança de atitude do homem contemporâneo em relação à morte. *“Não costumo ir não, nunca fui. Não vou porque cemitério e nada é a mesma coisa, não tem nada ali, não curto essa homenagem de uma ausência. Prefiro fazer outros tipos de homenagens, simbólicas.”* Gabriela também diz nunca ter ido visitar o túmulo do seu filho. *“Nunca fui, não tem importância para mim ele estar lá, vou ter que ir porque depois de três anos eu vou ter que dar um destino para o que está lá, mas o cemitério para mim não tem um significado.”*

Algumas mães da pesquisa vão ao cemitério eventualmente, em datas especiais, como aniversários de morte, festas religiosas, como Natal ou Dia de Finados. Em um grupo de 10 pais enlutados, esse resultado aponta o esvaziamento

do ritual de ida ao cemitério, evidenciando uma forma de distanciamento em relação aos mortos. Adriana relata que vai ao cemitério em algumas datas significativas. *“Toda data eu vou a cemitério. Vou eu e meu marido, ele sempre vai, eu não, eu vou nos dias, levo uma flor, faço uma oração, vou a uma missa, às vezes, as minhas irmãs vão.”* Assim como Maria: *“Visitas aos cemitérios nas datas comemorativas, eu levo flores, enfeito, eu converso com ela, sempre eu vou junto de alguém né? A gente sempre fala, às vezes, a gente ri, a gente chora.”*

Patrícia relata que não tem o hábito de ir: *“Já fui umas duas vezes ao cemitério, mas não tenho o hábito de ir não, em datas especiais eu vou, vou quando tenho vontade, fui quando fez um ano, mas depois não. Vou no Natal, aniversário dela.”*

Os relatos das mães demonstram que ir ao cemitério seria um esforço para não esquecer seus filhos. A visitação feita em aniversários, a colocação de flores ou até mesmo a conversa com o filho são formas de se manter o vínculo mãe-filho. Para Martins (2001), o comportamento das mães quando vão ao cemitério recria as tarefas de maternagem, por meio do qual as mães cuidavam de seus filhos.

2.5

Considerações Finais

O estudo dos rituais no processo de luto mostra que o sofrimento é relacional e sublinha a importância das relações em um momento trágico, como a morte de um filho em acidente de trânsito, embora a sociedade contemporânea estimule a vivência do luto de forma privada e discreta. No cenário atual, observa-se o afastamento do homem do sofrimento e a recusa em vivenciar emoções consideradas negativas. Como consequência dessa atitude do homem contemporâneo, os espaços de compartilhamento do sofrimento tornam-se cada vez mais escassos. Um exemplo deste fenômeno é o esvaziamento dos rituais de luto, que cumpriam função de reconhecimento da perda e de espaço público para a externalização da dor. Dessa maneira, aqueles que vivenciam a morte de pessoas queridas encontram-se solitários, com pouco apoio da comunidade na qual se inserem.

Quando indagados sobre os rituais que realizam, a totalidade dos pais relatou, com mais ênfase, os rituais privados, realizados mesmo depois de muito tempo decorrido da morte, em alguns casos. Somente um sujeito da pesquisa narrou ritual coletivo realizado, o de jogar as cinzas da filha no mar. Vivenciados na solidão e de forma discreta, a maior parte dos rituais, como vestir a roupa da filha, escutar uma música ou assistir ao filme de que o filho gostava, mantém a conexão com os filhos, tendo como objetivo honrar suas memórias. As visitas ao cemitério tornaram-se raras, o que foi observado nos relatos dos pais. A não ser em algumas datas especiais, poucos pais visitam os túmulos de seus filhos. O cemitério, antes um lugar significativo na relação do homem com a morte, pois sublinhava a separação entre vivos e mortos, tornou-se um espaço invisível, bastante esquecido.

Outro aspecto do cenário contemporâneo destacado na pesquisa é a presença de profissionais que passaram a realizar o trabalho de preparação do cerimonial fúnebre, anteriormente realizado pelos próprios familiares. Presentes desde o local do acidente até o Instituto Médico Legal e velórios, esses profissionais mantêm uma relação ambivalente com a sociedade, pois ao mesmo tempo em que as pessoas sentem-se gratas pelos seus serviços, também sentem raiva e revolta, pois eles refletem a lógica do consumo, que rege a sociedade contemporânea.

Na tentativa de tornar visíveis suas perdas, alguns pais relataram a construção de memoriais nos locais aonde ocorreram os acidentes, tendência cada vez mais presente na sociedade contemporânea. Por meio deles, os pais enlutados tentam tornar suas perdas visíveis no espaço público. A dor, até então, solitária e privada, torna-se uma experiência compartilhada. O luto se retira do espaço íntimo e solitário, no qual se tornou um drama pessoal e alcança o espaço público, onde o enlutado tem sua dor reconhecida e compartilhada, sem regras e medidas. As teorias contemporâneas sobre o luto ampliam o olhar sobre o processo, não mais o restringindo a seu aspecto privado, mas também percebendo-o em seu contexto social, ressaltando a importância da participação da comunidade no desenvolvimento de um luto saudável, por meio do compartilhamento dos rituais.

Estudar os significados dos rituais na cultura ocidental brasileira, assim como as transformações destes no decorrer do tempo, mostra-se relevante, torna-se um passo importante para a compreensão do processo de luto mais amplo e para a abertura ao diálogo na sociedade.

UMA AUSÊNCIA PRESENTE: A CONTINUAÇÃO DO VÍNCULO COM O FILHO MORTO

Resumo

O presente artigo é parte de pesquisa mais ampla sobre o processo de luto de pais que perderam filhos por acidente de trânsito. Foram entrevistados 10 sujeitos, dois pais e oito mães. As entrevistas foram analisadas pelo método de análise de conteúdo. O objetivo deste estudo foi investigar as formas pelas quais os pais enlutados continuam o vínculo com seus filhos após a morte. Os resultados obtidos indicam que a relação dos pais com seus filhos mortos, assim como os significados destes em suas vidas, continuam mesmo após muito tempo decorrido da morte. A idealização dos filhos mortos foi outro ponto importante observado em todos os relatos dos pais. Constatou-se que todos os pais participantes mostraram alguma satisfação em falar dos seus filhos, valorizando lembranças e o envolvimento com os mesmos como formas de continuarem vinculados a eles. Foi ressaltada a importância do vínculo relacional que se estabelece entre o enlutado e o morto como uma das principais características de organização da vida do enlutado após a perda.

Palavras-chave

Vínculo; luto; significados

Abstract

The present article is part of a broader research in the parental mourning process caused by traffic accident. The purpose of this study was to investigate the construction of meaning in the parental mourning process. The authors interviewed 10 subjects – 2 fathers and 8 mothers – and analyzed the interviews using the content analysis method. The purpose of this study was to investigate ways in which bereaved parents continue to bond with their children after death.

The results indicate that the parents' relationship with their dead children, as well as their meanings in their lives, continues even after a long time since death. The idealization of the dead children was another important point observed in all the interviews. Parents showed some satisfaction in talking about their children, valuing memories and involvement with them as ways of remaining linked to them. It was emphasized the importance of the relational bond established between the mourner and the dead as one of the main characteristics of the organization of the life of the mourner after the loss.

Keywords

Bond; mourning; meanings

O desligamento emocional em relação ao morto era visto como essencial para a adaptação bem sucedida do processo de luto até meados do século XX. Do ponto de vista dos modelos psicológicos, o olhar que se tinha a respeito da experiência do luto foi por muito tempo dominado pelo contexto positivista que influenciou as pesquisas sobre o tema. Mais tarde, estudos feitos por etnógrafos, sociólogos e psicólogos, baseados num modelo não positivista, mudaram esse olhar, reconhecendo as características específicas do luto. Em relação ao luto parental, reconheceu-se a importância para pais enlutados de continuarem o vínculo com seus filhos mortos, assim como construírem significados a partir da perda (Davies, 2004).

Uma grande mudança aconteceu no campo de pesquisas sobre luto e, atualmente, se aceita a ideia de que, apesar da separação física decorrente da morte ser inevitável, os enlutados permanecem conectados à pessoa que morreu e podem ser emocionalmente sustentados através de vínculos contínuos, como parte integrante do processo de luto bem-sucedido. Os indivíduos mantêm os vínculos de maneiras diversas, continuando a experimentar a presença do falecido em suas vidas. A importância da continuação do vínculo com filhos mortos tem sido demonstrada e bastante estudada (Klass, 2015, 2006; Endo, K, Yonemoto, N. & Yamada, M., 2015; Stroebe, M.; Schut, H. & Finkenauer, C., 2013; Neimeyer, Harris, Winokuer & Thornton, 2011; Field, 2006; Davies, 2004).

Klass (2015) discute a ideia da continuação do vínculo com a pessoa morta na sociedade contemporânea ocidental. Ao longo das últimas décadas, passou-se

da preocupação com o bem-estar dos mortos à preocupação somente com os vivos, sobreviventes da perda, diferentemente do que ocorre nas sociedades orientais, nas quais os mortos são ativos nas vidas dos vivos. Na cultura oriental, as pessoas mortas continuam sendo parte da família. Rituais ancestrais criam uma identidade familiar e definem os valores que são incorporados pela família. Assim como os rituais ancestrais são importantes, os vínculos com os mortos também são um elemento importante para a lealdade e para a coesão da unidade familiar em laços sociais maiores.

Nas sociedades ocidentais, o foco nos mortos é delegado a disciplinas como a parapsicologia, mantendo-se à margem do discurso científico acadêmico. As narrativas construídas no discurso oriental sobre sentir a presença do morto em suas vidas se enquadram em um contexto cultural no qual os mortos são figuras ativas, muito diferente do que ocorre na sociedade ocidental, na qual os mortos não são reais (Klass, 2015). Apenas se tem ideias vagas sobre onde eles estão, o que eles precisam e querem de nós e, portanto, apenas ideias vagas sobre o que se precisa e deseja deles. Portanto, encontrar benefício no sentimento de presença dos mortos pode ser difícil se os quadros conceituais que estão disponíveis na cultura para dar sentido à experiência não valorizam interpretações espirituais ou se privilegiam explicações reducionistas. Quando pessoas enlutadas, na sociedade ocidental contemporânea, relatam sentir a presença do morto, por exemplo, frequentemente isso é considerado prejudicial para elas e, em alguns casos, são encaminhadas para serviços de psiquiatria.

Beischel, Mosher e Boccuzzi (2015) apresentam a discussão sobre a comunicação com os mortos através de experiências como detectar a presença do falecido; ver o morto, sentir o cheiro, ouvir vozes e sons que remetem à pessoa falecida, conversar com o morto, sonhar, ouvir músicas associadas à pessoa morta, comunicação através de dispositivos elétricos (por exemplo, as luzes piscam), entre outras. Os autores denominam essas experiências espontâneas de comunicações depois da morte, cuja sigla seria ADCs, isto é, *after-death communications*. Embora cada vez mais se constate, em pesquisas sobre o luto, o reconhecimento da continuação do vínculo com os mortos, percebe-se que a ênfase permanece, em grande parte, nos indivíduos que permanecem ligados aos mortos e não mais nos mortos que são ativos na vida dos vivos.

A partir dos anos 80, vários estudos passaram a abordar o tema da continuidade do vínculo, entre eles se destacam o de Tony Walter, em 1994, e o de Klass, Silverman e Nickman, em 1996. Embora os autores defendam a ideia de que o vínculo contínuo com uma pessoa falecida não seja indicativo de patologia, é preciso compreender de que maneira se dá a integração deste vínculo na vida do enlutado e como ele se desenvolve no decorrer do tempo. Fatores como o tempo em que as pessoas estão em luto, a possibilidade de construir sentido para a perda e o nível de segurança em relacionamentos de apego anteriores são determinantes para se avaliar se a manutenção do vínculo com a pessoa morta é funcional ou não (Neimeyer, 2014).

A teoria do apego, desenvolvida por Bowlby e apresentada em 1980, serve de embasamento tanto para a compreensão da construção quanto do rompimento dos laços afetivos, tendo um papel bastante importante para a compreensão do fenômeno do luto. Ela tornou-se um dos paradigmas principais para a compreensão das respostas à perda (Meier; Carr; Currier e Neimeyer, 2013). Bowlby (2004) reconheceu que o indivíduo em luto deve mudar a natureza do vínculo com a pessoa morta, mantendo a conexão com ela. Para ele, os seres humanos têm uma tendência a estabelecer vínculos fortes afetivos com figuras significativas em suas vidas, buscando segurança e proteção. Isso explicaria as fortes reações emocionais causadas quando esses vínculos são rompidos. Na visão do autor, luto seria uma forma de ansiedade de separação, cujo objetivo é restaurar o contato com o objeto perdido, tarefa improfícua em casos de morte. Dessa forma, a pessoa enlutada não imagina como recuperar a sensação de segurança e amor sem a presença daquela pessoa que se foi.

A maneira de lidar com os rompimentos dos vínculos significativos está baseada no comportamento de apego, desenvolvido por cada um na infância. De acordo com a teoria do apego, existe uma forte relação causal entre as experiências que um indivíduo tem com seus pais e sua capacidade posterior para estabelecer e romper vínculos afetivos. Bowlby (2004) dá atenção especial às semelhanças entre as reações de uma criança à separação de sua mãe e as reações de adultos à perda. Após uma fase inicial de torpor, os adultos enlutados passam por outra fase, denominada saudade e busca da figura perdida, que pode durar alguns meses até vários anos. Movimentar-se inquietamente e esquadrihar o meio ambiente; pensar intensamente na pessoa perdida; desenvolver recursos para

perceber quaisquer estímulos sugestivos da presença da pessoa, ignorando todos aqueles que não foram relevantes para esse objetivo; dirigir a atenção para as partes do meio ambiente em que seria possível a pessoa estar e chamar a pessoa perdida são alguns dos comportamentos apontados pelo autor e praticados por mães enlutadas que buscam pelo filho morto. Na fase final do processo de luto, denominada pelo autor de reorganização, ocorre a aceitação definitiva da perda e a possibilidade de manter alguma forma simbólica de vinculação com a pessoa perdida, de maneira a integrá-la na nova realidade.

Em pesquisa realizada com pais enlutados, Klass (1993) verificou que eles mantinham vínculos com seus filhos falecidos e que estes se tornaram focos centrais de suas vidas. Através da partilha de recordações e memórias de seus filhos nesses grupos, os pais tornavam-se capazes de reconstruir as relações com os filhos mortos dentro de seu mundo interno e social, o que contribuía para um processo de luto mais saudável. Em outra pesquisa com pais enlutados, Cacciatore e Flint (2012) afirmam que rituais, como visitar o túmulo ou ver fotografias, permitiam a manutenção do vínculo com o filho, parecendo reafirmar a proximidade psicológica e fornecendo recursos para o crescimento pós-traumático, através da oportunidade de recordar e honrar o filho. O crescimento pós-traumático refere-se à mudança psicológica positiva experimentada como resultado do processo de luto, após circunstâncias de vida altamente desafiadoras, como a morte de uma pessoa querida (Tedeschi e Calhoun, 1996).

Recentemente, Field e Filanosky (2010) distinguiram dois tipos de continuação do vínculo: as expressões externalizadas e as internalizadas. As expressões externalizadas envolvem ilusões e alucinações relativas à pessoa morta, como se ela estivesse viva e em forma inalterada, enquanto as internalizadas envolvem o uso da pessoa falecida como ponto de referência valioso em tomadas de decisão, como modelo a ser seguido ou legado. Em sua pesquisa, os autores sugerem que as expressões externalizadas eram indicativas de luto não resolvido, como definido na literatura de apego, implicando na descrença de que a pessoa está morta. Por outro lado, as expressões internalizadas, embora carreguem a impressão de que pessoa está viva, pois suas ideias e comportamentos são seguidos, mantém uma fronteira clara entre um sentido da presença da pessoa morta como um estado subjetivo da mente em oposição a uma

realidade objetiva. Através da utilização da memória, os enlutados mantêm uma proximidade com a pessoa que se foi.

Na pesquisa com enlutados, Field e Filanosky (2010) concluíram que aqueles que tiveram perdas envolvendo violência, suicídio ou homicídio fizeram mais uso das expressões externalizadas do que das internalizadas por serem mortes difíceis de serem integradas. Além disso, o maior uso de expressões internalizadas foi mais associado ao crescimento pós-traumático decorrente da perda. Segundo os autores, as ilusões e alucinações estariam ligadas a imagens intrusivas que seriam angustiantes para os enlutados. Elas são uma espécie de mecanismo de defesa contra a ideia da morte da pessoa amada, elas causam bastante desconforto, visto que inevitavelmente a ausência da pessoa amada é confirmada o tempo todo. Por outro lado, as expressões internalizadas são mais eficazes na regulação do afeto, permitindo que o enlutado experimente o falecido como uma presença interna reconfortante totalmente integrada a sua vida.

Field, Packman; Ronen e Pries (2013) investigaram a natureza consoladora ou perturbadora dos tipos de continuação do vínculo em relação ao ajustamento de mães que tinham perdido um filho num período de cinco anos, por meio de uma entrevista semiestruturada, a *Continuing Bonds Interview*. Os autores verificaram que alucinações e ilusões foram sinalizadoras de níveis mais elevados de sintomatologia no processo de luto materno, ao passo que sonhar com os filhos foi fator de consolo, configurando-se em uma vinculação saudável. Este estudo vai ao encontro da ideia de Field (2008) de que a continuação do vínculo ao filho falecido pode facilitar a adaptação à perda, desde que não impeça os pais de seguirem em frente com as suas vidas e de reconhecerem a realidade da morte do filho.

A espiritualidade é um fator a se considerar na avaliação da funcionalidade das expressões dos vínculos contínuos. Para Field e Filanosky (2010), se o indivíduo enlutado possui a crença de que a pessoa que morreu continua viva em outro plano, as ilusões e alucinações relatadas não necessariamente são indicativas de disfuncionalidade no processo de luto. Pessoas enlutadas que possuem a crença da vida após a morte acreditam que há uma influência mútua entre eles e os mortos no direcionamento de suas vidas.

Field e Wogrin (2011) chamam atenção para a diferença que existe entre desistir do objetivo de restabelecer o contato físico com o morto e o abandono da

ligação com ele. Esses autores defendem o benefício da permanência de uma conexão simbólica com o morto através da memória e da imaginação, pelas quais o vínculo é ativado. Em muitos casos, quando a ligação com a pessoa falecida é reorganizada com sucesso, ela pode servir como uma base segura, como uma presença de fundo na vida do enlutado na orientação para uma nova vida, tomando de empréstimo suas ideias, valores, ou seja, sendo uma fonte de inspiração e um guia interno. Quando há a perda de uma figura significativa, a sensação de insegurança aflora e, neste caso, a continuação do vínculo com aquela figura amada serve, pelo menos em parte, para restabelecer uma sensação de segurança perdida (Field & Wogrin, 2011).

Marwitt e Klass (1995) afirmam que pessoas mortas podem cumprir quatro papéis importantes para a vida de quem fica: como um modelo a ser seguido; como alguém com quem os sobreviventes podem redefinir seus valores pessoais e prioridades; como um guia e mentor e como uma pessoa significativa cujas visões de mundo continuam a ter influência. Em outros casos, a continuação do vínculo pode ser expressa através de conversas com o morto (Field et al., 2005), a escrita de cartas ou por meio de orações (Foster et al., 2011). Outras atividades que expressam a manutenção do vínculo com o morto são ver fotografias (Reisman, 2001), visitar lugares frequentados pelo falecido (Field et al., 2005) e homenageá-lo através de atos altruístas (Foster et al., 2011). Assim, vários estudos sobre os efeitos dos tipos de continuação do vínculo concluíram que os pais enlutados experienciavam efeitos reconfortantes, como acreditarem que o filho está seguro nas mãos de Deus, mas também efeitos desconfortáveis e intrusivos, como acreditarem que o filho os culpa pela sua morte, devido à percepção de que falharam na proteção a ele, principalmente em mortes inesperadas (Foster et al., 2011; Hamama-Raz, Rosenfeld, & Buchbinder, 2010; Boelen, Stroebe, Schut, & Zijerveld, 2006).

Diante do exposto, este estudo teve por objetivo investigar a continuação do vínculo no processo de luto de pais que perderam filhos em acidentes de trânsito.

3.1

Método

3.1.1

Participantes

Foram entrevistados 10 pais, sendo 8 mulheres e 2 homens. As idades dos filhos variam de 16 a 42 anos. Os filhos dos sujeitos da pesquisa morreram em decorrência de acidente de trânsito, sendo que 7 deles morreram no local do acidente e 3 foram resgatados com vida, vindo a falecer alguns dias depois. A Tabela 1 (em anexo) apresenta a descrição do perfil dos participantes.

3.1.2

Instrumentos e procedimentos

Como instrumento de investigação, realizou-se, com cada participante, uma entrevista com roteiro semiestruturado, composto pelos seguintes eixos temáticos: *o processo de luto; fatores de proteção e de risco; presença de rituais fúnebres; redes de apoio; especificidades da perda de filho; grupos de suporte ao enlutado*. As entrevistas foram gravadas, com a devida autorização dos participantes, tiveram duração média de três horas e ocorreram no consultório da pesquisadora ou nas casas de alguns participantes, de acordo com a sua conveniência.

3.1.3

Cuidados Éticos

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da XXX, onde foi desenvolvido. Os participantes foram recrutados por meio da rede social da pesquisadora e a partir do contato com o NAVI (Núcleo de Apoio a Vítimas do Trânsito), localizado na cidade do Rio de Janeiro. Os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os nomes dos pais utilizados ao longo do trabalho foram devidamente substituídos por nomes fictícios.

3.1.4

Análise e discussão dos resultados

O material das entrevistas foi transcrito e submetido ao método de análise de conteúdo, na sua vertente categorial, com a finalidade de investigar, a partir do material discursivo, as significações atribuídas pelas entrevistas aos fenômenos. Por meio da técnica categorial, foram destacadas categorias temáticas, organizadas a partir da semelhança entre os elementos contidos no material coletado. Para tal, procedeu-se a uma “leitura flutuante”, agrupando-se dados significativos, identificando-os e relacionando-os, até se destacarem as categorias de análise (Bardin, 2011).

A partir do material discursivo, emergiram várias categorias de análise. Para atingir o objetivo deste trabalho, será discutida a categoria *continuação do vínculo*, que foi subdividida em cinco subcategorias: *percepções do filho morto*; *símbolos*; *vestindo roupas e mantendo objetos*; *comunicações pós-morte e fotografias*.

Embora todos os pais participantes da pesquisa tenham descrito o significado da perda de seus filhos em suas vidas, mantém-se certa variação quanto ao modo como o relacionamento contínuo com o filho é experienciado. O relacionamento dos pais com os filhos não se encerra com a morte destes. Nos relatos da pesquisa, destaca-se a forte presença dos filhos mortos nas vidas dos pais entrevistados. Por meio de lembranças de coisas vividas e da comunicação direta, seus filhos são incluídos em suas vidas diárias, independentemente do tempo decorrido da morte.

3.2

Percepções do filho morto

Nesta subcategoria, considera-se como o filho é percebido e descrito, e o significado emocional das descrições relatadas. O envolvimento intenso de muitos pais enlutados com a memória de seus filhos foi relatado consistentemente por todos os participantes. Durante as entrevistas, bastante tempo foi destinado para a descrição dos filhos como pessoas especiais. A idealização do filho morto foi observada em todos os relatos da pesquisa, sendo um fator fundamental para a

consideração da natureza e da intensidade do vínculo entre os pais enlutados e seus filhos.

Ela era boazinha com todo mundo, no coraçãozinho dela tinha lugar para todo mundo, Mas, igual a ela eu não me igalo não, hoje eu tento ver a vida com os olhos dela, mudei muito, sabe? Ela colocava panos quentes em todo mundo, principalmente no pai, todo mundo era um santo para ela, então eu tento ver a vida um pouco assim sabe? Porque era um lado muito lindo que ela tinha, esse lado de ver beleza nas pessoas. Todo mundo era lindo para ela. (Patrícia)

A minha casa vivia cheia, a capacidade que ela tinha e o maior mérito que eu via na (nome da filha), dentre vários, era o de aceitar as pessoas como elas eram. Ela te ouvia, gostava de conversar, quantas vezes ela estava na cozinha eu passava e ela dizia senta aí pai, vamos jogar conversa fora e ela perguntava algumas coisas de mim. (Cláudio)

Falar da (nome da filha), por incrível que pareça, sempre é motivo de risada, porque sempre foi palhacinha, sempre com um sorriso nos lábios, sempre, sempre brincando e pelas mensagens que eu recebo até hoje de uma pessoa que até eu desconhecia, dava apoio às amigas, era uma amiga verdadeira, então, isso é importante, ela durou pouco aqui na Terra, 22 anos, mas ela fez uma historinha né? (Maria)

Os relatos dos pais acima incluem histórias sobre seus filhos, sobre seus temperamentos, comportamentos e também as opiniões de outras pessoas sobre eles. Os relatos se desenvolvem e incluem muitos detalhes que corroboram uma imagem do filho morto como pessoa especial. De alguma forma, percebe-se a tentativa de manter a memória viva do filho, incorporando-o ao fluxo dessa vida. Estes tipos de relatos apresentam uma imagem positiva dos filhos mortos, ao mesmo tempo em que auxiliam os pais enlutados a permanecerem vinculados a eles (Rubin & Shechory-Stahl, 2013).

3.3

Símbolos

Conceber os filhos mortos como seres vivos como borboletas ou orquídeas, mostrou-se reconfortante para duas mães da pesquisa. Maria mantém a presença de sua filha morta através da sua transformação simbólica em borboleta. De certa forma, isso mantém a filha em sua vida. Pode-se dizer que a borboleta simbolizaria a ponte entre a vida e a morte da filha, sendo também um símbolo de transformação.

Desde o começo eu tenho uma história com a borboleta amarela. No dia em que a minha filha morreu e meu sobrinho tinha saído, eles contaram isso, no dia em que a (filha) morreu, eles pegaram um ônibus e uma borboleta amarela seguiu eles o tempo todo no ônibus e, quando chegaram em casa, eles contaram aos pais, antes de saber do acidente da (filha). É uma coisa impressionante, outro dia eu estava na Ouvidor e uma borboleta passou embaixo das minhas pernas. Quando eu estou pensativa, baixo astral, eu estou olhando na janela do ônibus e aparece uma borboleta na janela. Dá vontade até de ter uma câmera para filmar. (Maria)

Patrícia simboliza sua filha falecida como uma orquídea. Ela deu o título “Orquídeas não morrem” ao livro que escreveu dedicado à sua filha, depois de sua morte.

No meu cotidiano, através das orquídeas, percebo muitos sinais de que ela vive e faz parte da minha vida. Incrível, por onde passo nos momentos mais dolorosos da minha vida, encontro orquídeas fazendo parte do meu contexto e do meu cenário. É a certeza marcante de que há vida. Sim, a (nome da filha) vive! (Patrícia)

3.4

Vestindo roupas e mantendo objetos

Depois de certo tempo passado da perda, a aceitação da morte já é constatada, favorecendo a retomada de atividades e a manutenção da vinculação simbólica com a pessoa morta. Essa fase foi descrita por Bowlby (2004) como fase de reorganização do processo de luto. É o que se observa no relato de Cláudio, que tem a consciência de que sua filha não está mais viva, porém, manter sua memória por meio do ato de vestir suas roupas e de imaginar que ela estaria gostando da sobremesa são ações que contribuem para que seu luto se desenvolva de forma saudável.

Nós, lá em casa, lidamos com ela de uma forma, assim, extremamente às claras. A (nome da filha) nunca virou tabu pra nós, se fala dela, as meninas vestem as roupas dela, a gente está na mesa e diz a (nome da filha) ia gostar dessa sobremesa. Então, na nossa família, a (nome da filha) é o nosso cotidiano, não que a gente tenha colocado ela num pedestal, um endeusamento. Ela não está mais conosco, a gente sabe disso, não lidamos dessa forma, digamos assim, doentia, mas ela está presente em nosso cotidiano, ela não é um tabu pra nós. As meninas que têm o corpinho dela usam as roupas dela, a mãe usa as roupas dela. (Cláudio)

As roupas e objetos usados pelos filhos em vida também foram destacados por Maria e Felipe e valorizados como lembranças por eles.

Quando o meu cunhado chegou, à noite, depois de ter chegado do IML, com a bolsa dela rasgada e o tênis na mão, eu falei o que você fez com esse tênis? A bolsa tudo bem, mas o tênis? Cheguei lá no quartinho, joguei num canto, depois não tirei do pé, né? Até comprei outro, mas não joguei fora aquele, aquele quando chove, eu uso. (Maria)

Eu tenho o celular que era dele, está lá guardado na gaveta, duas bermudas que ele mais gostava, uma camiseta que ele gostava muito, eu não uso, mas eu deixo lá guardado, tem coisa dele que eu uso, tênis maravilhosos eu uso, entendeu? (Felipe)

A continuação do vínculo se dá de diversas formas, incluindo sentir um toque ou o cheiro do falecido, sentir a sua presença, sonhar com os falecidos e encontrar objetos associados ao falecido. Os vínculos continuados podem incluir a introjeção de valores da pessoa morta, a transmissão de traços ou características dela ou até mesmo a comunicação direta com o falecido através de um médium (Field et al, 2013).

Para Gabriela, é muito importante para seu processo de luto manter as coisas do filho. Depois de um ano de sua morte, ela desfez o quarto dele e manteve alguns pertences que eram significativos, além do chinelo que ele calçava no dia do seu atropelamento.

Eu dei poucas coisas, essas coisas importantes para ele e para mim eu não consegui, eu até quero dar, mas quero dar para pessoas especiais. Eu não vou me desfazer rápido para qualquer um. Conforme passar o tempo, pode ser que eu dê. E eu tenho uma cama box que tem dois espaços, em um deles é só com coisas do (nome do filho), livros, DVD's, cadernos, guardei uma meia dúzia de roupas, o chinelo do acidente estava gasto eu guardei.

3.5

Comunicações pós-morte

Alguns pais entrevistados relataram sonhos com seus filhos. Nos sonhos, os filhos mandam mensagens, em sua maioria, dizendo que estão bem ou que estão trabalhando e felizes em outro plano. Pode-se dizer que são sonhos reconfortantes para os pais, que continuam preocupados com seus filhos, reflexo da importância do papel dos pais como cuidadores e protetores de seus filhos.

Além dos sonhos, algumas mães da pesquisa procuraram obter mensagens espirituais para saber se seus filhos estavam bem no plano espiritual ou para simplesmente se comunicarem com eles. Esses são atos de imenso significado. Beischel, Mosher e Boccuzzi (2015) apresentam a discussão sobre a comunicação com os mortos através de experiências espontâneas de comunicações depois da morte (ADC's) ou *after-death communications*. Segundo os autores, abordagens de aconselhamento a enlutados que privilegiam a aceitação da perda, incorporando a perspectiva da continuação dos vínculos pós-morte, são mais eficazes.

Pessoas enlutadas mantêm a crença espiritual de que a pessoa morta é um espírito sensível que está consciente e pode influenciar suas vidas. As comunicações pós-morte não implicariam em problemas no processo de luto, uma vez que são experiências integradas a uma visão de mundo espiritual que as consideraria como normativas (Beischel; Mosher e Boccuzzi, 2015; Field et al, 2013). Gabriela e Adriana relatam comunicações por meio de rituais da religião espírita. Embora Gabriela desconfie se realmente é seu filho quem escreveu a carta, o efeito de recebê-la foi reconfortante.

Em dezembro trouxeram para mim uma carta, teoricamente dele, eu li, me emocionei e tal, mas, no fundo, eu tenho as minhas dúvidas. A gente tem o filho, a gente sabe a forma como ele fala, escreve, a forma como ele se reporta às pessoas e tem algumas coisas ali que não bateram, mas a mensagem é bonita. (Gabriela)

Tenho uma sobrinha que manda mensagens para mim. Tia, aconteceu isso, o (nome do filho) vai fazer isso, o (nome do filho) disse que vai vir te dar um abraço, ele disse que você não sonhou porque você ainda não tem condições. Você não vai soltá-lo na hora em que ele vier dar o abraço. (Adriana)

O fato de Gabriela e Adriana manifestarem a crença espiritual de que seus filhos se transformaram em um espírito sensível e que se comunica com elas, não prejudica, necessariamente, o processo de luto. Considera-se que as crenças são prejudiciais quando questionam a morte do filho, favorecendo a negação e gerando complicações no processo de luto. Pode-se dizer que a expressão de continuação do vínculo através da espiritualidade é compatível com uma visão de mundo espiritual que considera que almas e espíritos possuem existência após a morte. Aqui, não há confusão entre o mundo dos vivos e o dos mortos, os sujeitos são conscientes de que seus entes queridos estão mortos (Field et al, 2013).

No relato de Elisa, constata-se que ela tem consciência de que o filho está morto, embora se refira às mensagens recebidas por ele como indicativas de que ele estaria vivendo em outro plano.

Então o que eu tiro disso? Agradeço ao meu filho pelo tempo que ele esteve aqui, por ele ter escolhido a gente para ser pais dele. Eu tive uma mensagem dele que agradece ter sido mãe dele, que tantas vidas que ele venha, ele me quer como mãe. Eu recebi uma mensagem dele que dizia mãe, eu estou recebendo jovens que desencarnavam jovens como eu, agora eu estou trabalhando com meninas que fizeram aborto, agora estou trabalhando com drogados. (Elisa)

Walter (2008) afirma que mesmo que esse tipo de mensagem recebida através de médiuns não encontre muito espaço nas teorias do luto, pertence à cultura popular e se torna significativa porque celebra o amor, especialmente o parental, como um vínculo eterno. No relato de Talita, fica claro que o amor entre mãe e filha não acaba nem com a morte.

Eu fui atrás de psicografias como todas as mães, entendeu? Ah lá em Lorena, fulano de tal vai falar, aí acorda às três horas da manhã, vai lá. Eu recebi, mas não fez sentido, entendeu? Depois de um tempo, você tenta ir catando um pedacinho aqui, outro ali, porque tem uma coisa de fé, realmente ou você acredita na imortalidade da alma ou não acredita, independente da religião. Essas eram as minhas grandes discussões, porque eu sempre fui mística e descrente das coisas e na minha família. Tinha uma coisa de morreu, acabou, e aí a energia, o amor, como que esse amor acaba? Não acaba! (Talita)

Outro tipo de comunicação pós-morte são os sonhos. Em sua pesquisa com pessoas enlutadas, Field et al (2013) afirmam que a experiência de sonhar com as pessoas mortas se mostravam benéficas para a elaboração do processo de luto, aliviando o sofrimento decorrente da perda. O contato por meio dos sonhos foi relatado por Patrícia e Sueli. Nos sonhos de Patrícia, a filha se comunica enviando mensagens, enquanto o filho de Sueli lhe explica o que houve no acidente.

Sonhos, muitos sonhos, sempre ela está bem, um dos últimos ela disse assim no início eu senti muita falta de você, tinha muita saudade, mas agora eu já me acostumei, eu estou muito bem aqui. Em todos os momentos, ela diz que está bem, sempre bem. Ela está sempre chegando em casa, como ela foi pra viagem e não voltou, normalmente, ela está chegando. Eu conto esses sonhos no livro, são sonhos muito profundos. (Patrícia)

Nesses três anos e na véspera dele ser exumado, eu sonhei que ele dizia olha agora a gente não vai poder mais se encontrar, mas, no sonho, eu não tinha consciência que ele tinha morrido. A gente sempre ficava conversando, aí eu acordava com um ódio, meu Deus, por que eu não perguntei que lugar era aquele. No sonho foi que ele me contou do acidente, sabe? E depois desse dia, eu nunca mais sonhei com ele. (Sueli)

Field et al (2013) afirmam que aquelas mães que sonhavam com os filhos, quer acreditassem ou não que ele estava tentando se comunicar com elas, tinham escores mais elevados de espiritualidade. Esse é o caso de Maria que orienta outras mães em palestras que profere a se apoiar na fé que possuem, seja ela qual for.

A fé é muito importante, seja ela de que forma for. Se você crê que seu filho vai reencarnar, que vai falar com você de outra forma, que vai aparecer aqui ou ali, creia, se apegue nisso, porque se isso te traz esperança. Isso vai te trazer alento, eu creio na morte da minha filha, ela fala comigo em sonhos, ela nunca apareceu para mim, pelos sinais que Deus me dá, alguns sobrenaturais que eu vejo foram Deus que me deu e não ela para me trazer o meu consolo, paz, para mostrar que ela está muito bem. (Maria)

Adriana relata que, através dos sonhos, seu filho se comunicava com ela, principalmente nos primeiros dias após a sua morte. Ela diz que precisou superar seus preconceitos relacionados à sua formação religiosa cristã, embora soubesse que seu filho não pertencia mais a esse mundo, ele, de alguma forma, ainda estaria vivo. *“Inúmeros outros sonhos se sucederam naquele período. Pequenos e confortadores, porque na verdade eu já enxergava com naturalidade a possibilidade de encontros entre entes queridos no momento do sono”*. O outro filho de Adriana também sonhava com o irmão morto. *“Se nos meus sonhos, a mensagem era a de que o (nome do filho morto) pertencia agora ao mundo dos espíritos, os do (filho vivo) serviu para ele próprio avisar que não mais fazia parte do mundo dos homens.”*

O relato de Adriana sobre a comunicação entre os irmãos através de sonhos corrobora a constatação recente de estudiosos que ressaltam a importância da continuação dos vínculos no processo de luto. O foco da discussão não deve recair sobre a veracidade do contato, mas sobre o reflexo que essa comunicação com o morto tem sobre o enlutado no enfrentamento do luto (Buschil, Mosher & Boccuzzi, 2015).

3.6

Fotografias

As fotografias são formas de manter a memória das pessoas mortas. Frequentemente, as pessoas enlutadas se voltam para fotos, em particular, revivendo as lembranças, reaproximando-se da pessoa que se foi. Para Attig (2010), memórias são a base para um amor duradouro mais profundo, são evidências sobre o modo de como as pessoas enlutadas encontram lugar, em suas vidas, para aqueles que morreram. Lúcia conversa com o filho através das suas fotografias, mantendo vivo o vínculo com ele.

Eu tenho retratos na minha casa, tem uma estante na minha casa que eu tenho uns porta retratos, às vezes, eu estou tirando pó, aí joga beijo, eu botei mais uma foto dele no casamento deles. Então eu acrescentei essa e acho que só essa. De vez em quando, eu estou colocando um brinco ou estou me ajeitando aí eu falo filho, Deus te abençoe e ilumine teu caminho. (Lúcia)

As pessoas enlutadas fornecem lugares para os mortos em suas vidas diárias. Muitas vezes, as pessoas mortas tornam-se referências e passam a cumprir papéis importantes para as pessoas que ficam: como um modelo a ser seguido; como alguém com quem os sobreviventes podem redefinir seus valores pessoais e prioridades; como um guia e mentor e como uma pessoa significativa cujas visões de mundo continuam a ter influência (Attig, 2010; Marwitt e Klass, 1995). Além de conversar com seu filho através das fotografias, Elisa pede a sua proteção.

Não é dizer que eu tenho foto dele que eu fico olhando, chorando não, mas, no princípio, de manhã, eu levantava e olhava para o retrato e dizia bom dia meu filho, que Deus te abençoe, tenha um bom dia, mas se você puder dar uma olhadinha aqui por nós, fiz isso um bocado de tempo. Eu sempre tive muitas fotos dele, eu sempre olho, eu tenho esse negócio aqui, vídeo cassete, botava aquelas fitas eu tenho um monte de fitas dele pequenininho e eu via muito. (Elisa)

Como uma forma de manter a memória da filha viva, Maria relata que não se importa em ver fotos, ao contrário de outros pais com os quais têm contato.

Esta lá na mesinha, tem as fotos dela, na sala, na entrada, tem as fotos dela, essa aqui (ela mostra a foto dada na missa de 1 ano). Eu comprei o porta-retrato no primeiro ano que ela morreu, eu comprei um presente para a (nome da filha), olha só! Isso me faz muito bem, lógico, o que mata é a ausência. Não me faz mal, nunca me fez mal, falar dela, ver fotos, você sabe que tem gente que não tem coragem de ver fotos. (Maria)

3.7

Considerações Finais

Uma grande mudança paradigmática ocorreu dentro do campo de estudos sobre o luto nas últimas décadas. Anteriormente, a ênfase era colocada no rompimento dos laços afetivos com a pessoa falecida e a visão que se tinha era de que a manutenção do vínculo era danosa para o desenvolvimento saudável do processo de luto. Essa ideia foi substituída pela teoria da continuação dos vínculos, apresentada por Klass, Silverman e Nickman, em 1996, que defendiam que os enlutados permanecem envolvidos e ligados à pessoa morta e que essa ligação era importante para o processo de luto.

Ao explorar o modo como a relação com os filhos falecidos é lembrada, elaborada e expressa pelos pais enlutados, procuramos entender mais sobre esta característica fundamental da experiência de perda, bem como considerar características de sua relação com o funcionamento saudável do processo de luto. A relação com os filhos e o significado destes em suas vidas continuam para todos os pais enlutados, independentemente do tempo decorrido da perda. É importante lembrar que, para todos os pais entrevistados, os relacionamentos com os filhos mortos continuam em formas diversas e ativas.

Outro fator observado nas entrevistas foi a valorização dos aspectos positivos das personalidades dos filhos, o que pode refletir uma idealização do filho morto. A tarefa de estudar objetivamente a perda de filhos em circunstâncias trágicas, como um acidente de trânsito, é delicada e complexa. Provavelmente os pais, por meio de suas narrativas, transformam os fatos ocorridos, no sentido de manter os filhos idealizados e ilusões que minimizam o sentimento de culpa sentido e a dor da perda. Sendo a narrativa um fenômeno representacional da experiência vivida, ela está sempre sujeita à mudança e à reinterpretação.

Em relação às comunicações pós-morte, por meio de sonhos ou sessões espíritas relatadas pelos pais, consideramos que essas ações funcionaram para reduzir algumas das tensões emocionais experimentadas pelos pais diante de uma perda tão avassaladora, contribuindo, assim, para melhor adaptação ao processo de luto.

Com base nos resultados da pesquisa, observa-se que a complexidade e a riqueza do vínculo contínuo, assim como as diversas formas encontradas de se

relacionar com os filhos mortos, estão associadas a melhores resultados no processo de luto. Todos os participantes demonstraram alguma satisfação em falar dos seus filhos, valorizando lembranças relacionadas a eles e o envolvimento com os mesmos como formas de continuarem vinculados a eles. Percebe-se que esse comportamento não é indicativo de patologia psíquica, mas da presença de recursos para lidarem com a ausência do filho, através da redefinição do relacionamento com ele, integrando-o em suas vidas diferentemente de quando estava vivo, mas como figura importante e significativa em suas histórias. A continuidade do vínculo com o filho morto foi confirmada em todas as entrevistas através da narrativa dos pais enlutados que possuem uma conexão muito intensa com os filhos. Consideramos que esse é um poderoso recurso de enfrentamento do luto para os pais que sofrem a perda de um filho, necessitando de estudos aprofundados sobre o tema.

O vínculo relacional que se estabelece entre o enlutado e o morto é uma das principais características de organização da vida do enlutado após a perda. Com base nos estudos de resiliência, o aprofundamento de estudos sobre esse tema pode contribuir para ampliar a compreensão sobre o processo de luto, no qual o vínculo afetivo mantido ente vivos e mortos não significaria invulnerabilidade, mas a continuação do afeto que não se esgota com a morte de uma pessoa significativa.

POR QUE MEU FILHO? A BUSCA DE SIGNIFICADOS NO PROCESSO DE LUTO PARENTAL

Resumo

O presente artigo é parte de pesquisa mais ampla sobre o processo de luto parental por acidente de trânsito. O objetivo deste estudo foi investigar a construção de significados no processo de luto parental. Foram entrevistados 10 sujeitos, dois pais e oito mães. As entrevistas foram analisadas pelo método de análise de conteúdo. Os resultados obtidos indicam a importância da construção de significados no processo de luto, principalmente quando se trata de perda inesperada e traumática. A religiosidade se revelou a principal base para as explicações fornecidas pelos pais na busca de sentido. Os benefícios relacionados à perda foram identificados como mudanças positivas em relação à maior apreciação da vida e melhoria nos relacionamentos sociais, que podem indicar quadros de crescimento pós-traumático. Ressalta-se a importância de ferramentas de avaliação e intervenções baseadas em um modelo de luto que considera o significado como determinante no processo de luto dos pais enlutados.

Palavras-chave

Luto; significado; religiosidade

Abstract

The present article is part of a broader research in the parental mourning process caused by traffic accident. The purpose of this study was to investigate the construction of meaning in the parental mourning process. The authors interviewed 10 subjects – 2 fathers and 8 mothers – and analyzed the interviews using the content analysis method. The results show the importance of the construction of meaning in the mourning process, especially in cases of unexpected and traumatic loss. In their search for meaning, most parents used

religiosity as a basis to explain the tragedy. The benefits related to the loss were identified as positive changes, regarding a bigger appreciation of life and an improvement on social relationships, which may indicate cases of post-traumatic growth. The authors emphasize the importance of evaluation and intervention tools based on a model that considers the construction of meaning as a determining factor in the mourning process of parents.

Keywords

Mourning; meaning; religiosity.

O significativo aumento da violência no trânsito mundialmente levou as Nações Unidas a proclamar 2011-2020 a década de ação pela segurança no trânsito. As principais pessoas atingidas por essa violência são os jovens entre 15 e 29 anos de idade (Waiselfisz, 2013), trazendo à tona o luto parental, considerado uma das experiências mais difíceis de lidar, uma vez que contraria a ordem natural do ciclo vital. A morte de um filho, de forma inesperada, tem efeitos duradouros na saúde física e emocional dos pais, exigindo deles estratégias de enfrentamento e adaptação, entre elas, a necessidade de construção de significados para tal perda (Denhup, 2017; Neimeyer, 2016; Lichtenthal; Neimeyer; Currier, 2013).

Estudos contemporâneos no campo do luto, sobretudo aqueles com enfoque construtivista, têm enfatizado o significado como um importante elemento norteador para o processo do luto parental. Por meio de narrativas, a pessoa enlutada constrói uma interpretação para o que aconteceu, fornece alguma explicação para a perda e um sentido para a sua nova existência. A abordagem construtivista compreende a experiência de luto como uma construção singular, influenciada pelo contexto familiar e pela cultura na qual o enlutado está inserido. O luto seria, então, um processo normal e esperado de elaboração psíquica e enfrentamento da vivência de perdas significativas, implicando a transformação e ressignificação da relação com o que foi perdido (Mazorra, 2009; Neimeyer, 2017; 2016; 2014). Dois processos contribuem para a adaptação ao luto no contexto da construção de significados: a busca de sentido, que se refere à elaboração de uma explicação para a perda com base em crenças e visões de mundo, tais como a morte sendo a vontade de Deus ou consequência de comportamentos pouco saudáveis e o encontro de benefícios, que consiste no

valor que é dado à perda, o que frequentemente envolve mudanças positivas, como o aumento da valorização da vida, ganho de perspectiva, crescimento pessoal e melhora nos relacionamentos (Currier; Holland & Neimeyer, 2006; Davis, 2001).

Perder alguém que se ama pode desafiar as crenças mais caras de um indivíduo sobre si próprio e sobre o mundo, precipitando uma crise pessoal de significados, uma vez que as crenças que o mantinham seguro são agora vistas como meras ilusões, destruídas de forma abrupta. Parkes (2009) denominou mundo presumido a essas crenças construídas ao longo da vida a partir das experiências vividas, que funcionam como mecanismos de defesa em relação à insegurança da vida e que são severamente abaladas nas mortes inesperadas, súbitas ou violentas, como acidentes, suicídios e homicídios (Bulman; 1992; Calhoun e Tedeschi, 2001; Parkes, 2009).

A discussão em torno do encontro de benefícios em situações estressantes e ameaçadoras leva ao tema do crescimento pós-traumático, que compreende a possibilidade de mudanças psicológicas positivas a partir destas situações, como por exemplo a morte de alguém amado (Calhoun e Tedeschi, 2001). Muitas pessoas enlutadas respondem de forma eficiente a situações desafiadoras e estressantes, com base em estruturas de significados que ajudam a incorporar a experiência da perda, sem prolongamento do sofrimento e sem grandes dificuldades no ajustamento. Essas pessoas são capazes de assimilar a perda em um sistema de crenças predominantemente positivo e otimista e voltar ao nível de funcionamento pré-perda, que conserva o senso de significado e identidade pessoal, percebendo a perda como oportunidade. Segundo Frankl (2011), é possível se manter em um estado de otimismo trágico, que possibilita que a pessoa transforme criativamente os aspectos negativos de sua vida em algo positivo, porém, isso só é possível se a pessoa consegue encontrar um sentido para a sua vida, apesar das circunstâncias. Para o autor, há três caminhos pelos quais pode se chegar ao sentido da vida: criar um trabalho ou fazer uma ação; experimentar algo ou encontrar alguém e mudar-se a si mesmo, transformando, assim “a tragédia pessoal em triunfo” (p. 168).

Segundo Mazorra (2009), o tema da construção de significados no processo de luto se relaciona com os temas do crescimento pós-traumático e da resiliência, uma vez que o crescimento pós-traumático pode indicar que o

enfrentamento se deu de forma resiliente. Resiliência é o termo usado para descrever a capacidade que o indivíduo tem de superar grandes traumas e se fortalecer a partir deles, é um processo ativo que não se confunde com invulnerabilidade, nem com autossuficiência. A resiliência refere-se à possibilidade de reescrever a história ou o trauma vivido (Walsh, 2005). De modo singular, a pessoa enlutada avalia o que perdeu, redimensiona sua perda e constrói uma narrativa que contém as causas e motivos pessoais que justificam a perda. Além disso, alguns questionamentos de ordem objetiva, relacional e espiritual se fazem presentes: Como a pessoa que eu amo morreu?; Quem sou eu agora que não tenho mais essa pessoa? e Por que Deus deixou isso acontecer? (Neimeyer, 2014).

Os significados construídos pelas pessoas estão em constante construção, reconstrução e remanejamento, por meio de processos de assimilação e acomodação, ou seja, a redução de discrepâncias entre avaliação pessoal do evento (significados situacionais) e significados globais (por exemplo, crenças espirituais ou ideológicas) construídos pelo indivíduo ao longo do tempo. Park (2013) apresenta um modelo integrado de construção de significado, denominado *Meaning-Making Model*, por meio do qual é possível analisar os significados construídos pelas pessoas em eventos estressantes. Em sua análise, a autora critica os pesquisadores que se concentram apenas nas crenças globais atuais da pessoa enlutada, mas falham em avaliar, mesmo retrospectivamente, quais eram as crenças anteriores à perda vivida. Além disso, muitos estudos enfatizam os efeitos das tentativas dos indivíduos em atribuir sentido (*make meaning*), sem avaliar se essas tentativas resultam efetivamente em significados construídos (*meanings made*). Quando perdas são inconsistentes com o sistema de significados pré-perda, provocam dissonância, obrigando o enlutado a reconhecer que aqueles significados não têm mais valor. No caso de mortes inesperadas, se essa dissonância torna-se muito elevada, pode causar complicações no processo de luto, na medida em que os enlutados encontram dificuldades para construir algum significado para o evento, principalmente em casos de mortes de filhos. Luto complicado é caracterizado por sintomas de sofrimento intenso por mais de seis meses (Prigerson, 2004).

Recursos internos e externos são ativados a fim de possibilitar a acomodação da perda. Porém, a forma da morte e a natureza da ligação com a

pessoa que morreu são fatores determinantes, que influenciam o desenvolvimento de um luto saudável, conforme resultados da pesquisa que avaliou os padrões de construção de significados e encontro de benefícios em 155 pais enlutados por mortes violentas (acidente, homicídio e suicídio) e não violentas (perinatal, natural antecipada e natural inesperada) (Lichtenthal et al, 2013). Os autores concluíram que pais que perderam filhos de perda violenta descreveram, com maior frequência, o mundo como imperfeito e a brevidade da vida em suas respostas mais do que os pais que perderam filhos por causas naturais. Outro resultado apontado pelos autores é o de que pais que perderam filhos por mortes não violentas tendem a encontrar benefícios na perda - habilidade para ajudar os outros que tiveram perdas semelhantes e uma maior compreensão da dor dos outros - em termos de crescimento pessoal mais facilmente do que os que perdem filhos por mortes violentas. Mais da metade dos pais que perderam filhos por mortes violentas relataram que não poderiam achar sentido na perda em comparação a 1/3 dos pais por mortes não violentas. Nas mortes esperadas naturais, algumas explicações como desejo de Deus, a interrupção do sofrimento do filho e explicações biológicas e médicas fornecem conforto aos pais, diferentemente de casos como acidentes, homicídios e suicídios.

Quando as mortes são trágicas, é comum que os sobreviventes busquem mais frequentemente respostas no campo espiritual e filosófico do que nas perdas naturais e esperadas. Incluir a perda no contexto de uma narrativa religiosa ou espiritual exerce um papel adaptativo significativo no processo de luto. As pessoas enlutadas que sofrem perdas significativas podem entrar em conflito com sua fé ou reafirmar positivamente sua crença religiosa e sua confiança em Deus (Reis; Farias e Quintana, 2017). Burke e Neimeyer (2014) denominaram enfrentamento religioso negativo à primeira reação e enfrentamento religioso positivo à segunda, ambas produzem resultados diferentes no processo de luto. Porém, a partir dos resultados da pesquisa, os autores ressaltam que o enfrentamento religioso positivo nem sempre funciona como recurso útil na adaptação à perda, embora o enfrentamento religioso negativo produza resultados mais problemáticos, uma vez que os enlutados manifestavam sofrimento elevado, principalmente quando se tratava de mortes inesperadas. A tentativa de lidar com a perda através do enfrentamento religioso positivo produz pouco benefício no sentido de diminuir a dor aguda do sofrimento (Currier; Martinez; Malott &

Neimeyer, 2012). Em outra pesquisa que teve como objetivo investigar os fatores subjacentes às respostas psicológicas adaptativas e a recuperação de pessoas enlutadas após desastres, por meio da perspectiva de construção de significado, Park (2016) concluiu que as pessoas enlutadas que conseguiam construir algum sentido para a perda através da confiança em Deus e da crença de que há algum propósito divino apresentavam melhor funcionamento psicológico do que os outros que se sentem castigados.

Sentir-se inseguro com a figura de Deus e perturbações na prática religiosa e no relacionamento com a comunidade a qual fazia parte favorece o aparecimento do luto espiritual complicado, que se constitui uma resposta severa do enlutado à morte de um ente querido, uma crise de fé que se segue à perda e que, em alguns casos, consiste no rompimento definitivo do relacionamento com Deus. Além disso, o enlutado pode apresentar comprometimento significativo no funcionamento social, familiar ou ocupacional por um ano ou mais após o falecimento. Quando o enfrentamento religioso é combinado com quadro de depressão, a pessoa enlutada apresentaria a síndrome psico-espiritual tóxica, que necessita de cuidados e intervenção (Neimeyer e Burke, 2017).

Por outro lado, dependendo do contexto sociocultural em que o enlutado está inserido, a religião pode não ser um recurso para a construção de significados. Em pesquisa na qual foram entrevistados 31 pais enlutados alemães e austríacos, nenhum pai apontou a vontade de Deus como explicação para a morte de seus filhos, ao contrário disso, a explicação era construída em termos racionais ou existenciais, demonstrando a diminuição da influência da religião em países da Europa ocidental. Quando perguntados sobre o encontro de algum benefício para a perda, a maior parte dos pais respondeu que ajudar os outros contribuía para se sentirem melhor (Bogensperger e Lueger-Schuste, 2014).

Após a morte de seus filhos, pais enlutados experimentam sofrimento profundo, continuam mantendo relacionamento com seus filhos ausentes e experimentam um renascimento de si mesmos. Independentemente da causa da morte, os pais entram em um novo estado de ser que se prolonga pelo resto de suas vidas (Denhup, 2017). Além da dor profunda, o luto parental possui a especificidade de atingir o casal ao mesmo tempo, o que pode provocar dificuldades no processo de luto, porque os cônjuges ficam impossibilitados de se ajudarem mutuamente. Além do contexto social e familiar, a rede social de apoio

é fundamental no processo de construção de significados no processo de luto de pais (Albuquerque et al, 2017).

A morte de filhos por acidente de trânsito tem a inesperabilidade e o trauma como características inerentes e que podem dificultar o processo de luto parental. Dessa maneira, a construção de significados torna-se tarefa fundamental para pais enlutados, que tentam responder a perguntas tais como Por que eu?, Por que meu filho? e Por que isso aconteceu? Este estudo teve por objetivo investigar a construção de significados no processo de luto parental.

4.1

Método

4.1.1

Participantes

Foram entrevistados 10 pais, sendo 8 mulheres e 2 homens. As idades dos filhos variam de 16 a 42 anos. Os filhos dos sujeitos da pesquisa morreram em decorrência de acidente de trânsito, sendo que 7 deles morreram no local do acidente e 3 foram resgatados com vida, vindo a falecer alguns dias depois. A Tabela 1 (em anexo) apresenta a descrição do perfil dos participantes.

4.1.2

Instrumentos e procedimentos

Como instrumento de investigação, realizou-se, com cada participante, uma entrevista com roteiro semiestruturado, composto pelos seguintes eixos temáticos: *o processo de luto; fatores de proteção e de risco; presença de rituais fúnebres; redes de apoio; especificidades da perda de filho; grupos de suporte ao enlutado*. As entrevistas foram gravadas, com a devida autorização dos participantes, tiveram duração média de três horas e ocorreram no consultório da pesquisadora ou nas casas de alguns participantes, de acordo com a conveniência dos mesmos.

4.1.3

Cuidados Éticos

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da XXX, onde foi desenvolvido. Os participantes foram recrutados por meio da rede social da pesquisadora e a partir do contato com o NAVI (Núcleo de Apoio a Vítimas do Trânsito), localizado na cidade do Rio de Janeiro. Os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os nomes dos pais utilizados ao longo do trabalho foram devidamente substituídos por nomes fictícios.

4.1.4

Análise e discussão dos resultados

O material das entrevistas foi transcrito e submetido ao método de análise de conteúdo, na sua vertente categorial, com a finalidade de investigar, a partir do material discursivo, as significações atribuídas pelas entrevistas aos fenômenos. Por meio da técnica categorial, foram destacadas categorias temáticas, organizadas a partir da semelhança entre os elementos contidos no material coletado. Para tal, procedeu-se a uma “leitura flutuante”, agrupando-se dados significativos, identificando-os e relacionando-os, até se destacarem as categorias de análise (Bardin, 2011).

A partir do material discursivo, emergiram várias categorias de análise. Para atingir o objetivo deste trabalho, será discutida a categoria *significados construídos após a morte*, que se desdobrou nas seguintes subcategorias: *busca de sentido e encontro de benefícios*.

4.2

Significados construídos após a morte

Ficou evidente que a morte dos filhos de forma trágica mudou completamente a vida dos pais entrevistados. Os pais relataram várias maneiras pelas quais eles se adaptaram e encontraram significado nesta mudança fundamental em suas vidas. Tal adaptação se reflete nos domínios social, comportamental, psicológico e fisiológico, fazendo com que a perda sofrida abale

o cotidiano, valores, prioridades, crenças filosóficas e religiosas. A atribuição de sentido à perda, por meio de algum tipo de explicação, e o encontro de benefícios ou aspectos positivos da experiência foram processos de construção de significados ressaltados nas falas dos entrevistados.

4.2.1

Busca de sentido

O processo de construção de significado não é somente atribuir, mas também encontrar significado. Principalmente em casos de mortes acidentais de filhos, os pais, inesperadamente, se veem diante de um mundo complexo e inseguro. O sofrimento provocado por essa perda é inconsistente com as estruturas de significado que os pais possuíam antes da perda (Bulman, 1992). Dessa forma, a busca de sentido torna-se tarefa fundamental para o desenvolvimento saudável do processo de luto. A construção de significados para a perda pode se basear em explicações racionais, existenciais ou espirituais. Cláudio encontrou algum sentido para a perda repentina da filha por meio de explicações racionais e probabilísticas.

Eu sou cartesiano, é probabilidade estatística, você está no avião, o avião caiu. Se você morreu é porque estava na sua hora, se você não morreu, é porque não estava na sua, então, cartesianamente falando, isso é balela. Ela foi porque estava na hora dela, ela não foi porque Deus achou que era para ir. Não vou ficar me enganando dentro do que eu acredito, se eu sou cartesiano, eu sou coerente. Se perguntar para mim da minha filha, ela existiu um dia, mora no meu coração, no meu pensamento, no meu dia a dia, nas coisas, é um pedaço de mim, mas não vou encontrar um dia. (Cláudio)

Felipe encontrou sentido para a perda de seu filho se engajando na luta contra a violência no trânsito. Ele fundou uma ONG e, frequentemente, participa de encontros e dá palestras sobre o tema. Seu relato corrobora resultados de pesquisas como a de Lichtenthal et al (2013) que apontam que uma das estratégias de enfrentamento no luto é ajudar pessoas que tiveram perdas semelhantes.

Uma vez eu perguntei para o padre: Por quê? Ele me disse pergunte pra que! Você tem uma missão que ainda não está delineada na tua vida, uma hora vai aparecer, eu nunca imaginava que hoje eu estaria fazendo o trabalho que eu faço. (Felipe)

A ideia de que cada um tem a sua hora para morrer se encaixa em crenças construídas com o objetivo de encontrar alguma explicação para a perda e apaziguar a intensidade do sofrimento, principalmente em mortes inesperadas e violentas. Os relatos de Lúcia e Patrícia ilustram essa ideia.

Eu acho que eu entendo que cada um tem uma vida e quando chega a hora a gente não escapa, era pro XXX (nome do filho) morrer sozinho. (Lúcia)

Eu sei que ela não morreu em vão. Morreu, chegou a hora dela, tenho várias explicações no mundo sobrenatural, não tinha como isso passar, era aquele o momento dela, consigo ter esse entendimento e isso cala um pouco o meu coração. (Patrícia)

Percebe-se, por meio das falas de Lúcia e Patrícia que as explicações baseadas em algo sobrenatural fornecem sentido às suas perdas. Ao acreditarem que cada um tem o seu tempo na vida terrestre, evidenciam a construção de uma explicação que tenta fazer frente à situação de impotência e desamparo em que se encontram (Park, 2016; Rozalski, Holland e Neimeyer, 2016; Parkes, 2009).

A religiosidade, em suas diversas formas, ganhou destaque nos relatos dos pais enlutados. A morte dos filhos ganha um propósito e deixa de ser algo inexplicável, passando a ser uma designação de Deus.

Meu filho era especial, não porque eu achava que era especial, ele realmente era especial, esse monte de gente que está falando dele, então acho que Deus realmente precisou dele lá em cima. (Felipe)

Eu consigo entender que ela está num lugar melhor do que o meu, é um lugar que ninguém, por mais que tenha viajado o mundo inteiro, não conseguiu chegar. É um lugar muito especial que Deus preparou para os seus filhos. (Patrícia)

A superação de um momento difícil como a perda de um filho pode levar a uma maior intensificação da fé, fazendo com que o indivíduo possa se sentir mais próximo de Deus, valorizando seu lado espiritual. Em um sentido geral, o apego a Deus não se mostra como uma prática nova para algumas pessoas, mas como uma crença que passa a ser fortalecida, especialmente quando os acontecimentos traumáticos se tornam demasiadamente desestruturantes e esvaziados de sentido. Acreditar que existe algo superior ou sagrado pode atuar como fator de proteção em momentos difíceis (Lichtenhal et al, 2010). Gabriela, Maria, Patrícia e Elisa relatam que suas crenças foram reforçadas.

Eu tenho estudado muito sobre astrologia, budismo, eu acredito que o (nome do filho) era um espírito bastante desenvolvido e que ele não tinha muito o que fazer por aqui mesmo, então, ele veio, fez o que tinha que fazer, acabou e foi embora. (Gabriela)

Deus só mandou gente boa no meu caminho, é uma coisa impressionante de como Ele foi bom pra mim. Olha só, porque essa dor transcende qualquer religião, entendeu? (Maria)

A fé é muito importante, seja ela de que forma for. Se você crê que seu filho vai reencarnar, que vai falar com você de outra forma, que vai aparecer aqui ou ali, creia, se apegue nisso se isso te traz esperança. (Patrícia)

Deus sabe o que faz! Quando o meu filho saiu de casa eu falei, ele não é meu só, é teu também, e Ele se achou no direito de levar ele. Foram só dezenove anos que ele tinha que ficar com a gente. (Elisa)

A confiança de que Deus está no comando das ações terrenas faz com as mães enlutadas se engajem no enfrentamento religioso positivo (PRC), por meio do qual o enlutado consegue se sentir seguro, acreditando que há um propósito maior para aquela perda ter acontecido (Neimeyer e Burke, 2017). Por outro lado, as crenças religiosas podem ficar abaladas após uma perda traumática e inesperada. Cláudio relata que se sentiu tolo ao acreditar que nada pudesse acontecer a seus filhos quando pedia proteção a Nossa Senhora.

Eu não me senti traído, eu senti que fui bobo, tolinho. Acreditar que Nossa Senhora poderia proteger meus filhos, tolinho, isso não muda nada. Você dar um escapulário para o seu filho, rezar para que nada aconteça, isso não vai mudar o curso das coisas, o curso é regido por probabilidade estatística. Achar que tem alguma mão de Deus, isso não existe, então eu não me senti traído pela religião, eu senti que fui bobo, esse tempo todo, tolinho. (Cláudio)

Cláudio parece ter travado uma luta espiritual dentro de si, sentindo-se tolo ao acreditar que Nossa Senhora estaria protegendo seus filhos. No enfrentamento religioso negativo, principalmente em mortes trágicas e inesperadas, perde-se a confiança em seres superiores e, em alguns casos, o mundo passa a ser um local inseguro e ameaçador (Neimeyer e Burke, 2017). Embora Sueli relate que brigou com Deus nos dias iniciais à perda de seu filho, atualmente ela compreende que seu filho teve uma missão aqui na Terra.

Eu fiquei muito chateada com Deus, briguei com Ele muito. Não adianta que eu não vou ficar rezando, me explica o que aconteceu porque eu não vou ficar rezando aqui à toa. Eu vou fazer o que agora? (Sueli)

Diante da tragédia que acomete pais enlutados por acidentes de trânsito, compreende-se que eles busquem as explicações mais diversas para atribuir algum sentido ao evento. Na maioria dos relatos da pesquisa, essas explicações se basearam no âmbito religioso/espiritual, a figura de Deus apareceu como alguém que protege e que decide sobre as ações terrestres. Com isso, a fé traz tranquilidade diante da morte, oferecendo suporte ao enlutado, assim como fornecendo sentido à existência (Reis; Farias e Quintana, 2017).

4.2.2

Encontro de benefícios

Segundo o modelo de construção de significados, além da busca de sentido, os enlutados engajam-se na atividade de encontro de benefícios na perda. Frankl (2011) afirma que a busca de significado contribui para o enfrentamento das experiências trágicas uma vez que o sofrimento pode ser convertido em êxito e em um logro humano, percebendo essas experiências como oportunidades para mudar para melhor. A morte de uma pessoa significativa, como um filho, especialmente quando se trata de morte trágica e inesperada, pode abalar os alicerces do mundo presumido dos pais (Parkes, 2009), ao mesmo tempo em que pode levar a transformações na identidade, nos relacionamentos e na visão de mundo em geral, favorecendo uma reavaliação, na medida em que se encontram aspectos positivos na vivência da perda (Janoff-Bulman, 1992).

Cláudio relata que passou a perceber a si próprio e a vida em geral de forma completamente diferente, destacando aspectos positivos dessa mudança.

A primeira conclusão que você chega de imediato é que você é impotente ao máximo, você não é nada, você é frágil, então, você fica mais humilde. Você começa a perceber as coisas com muito mais tranquilidade, você passa a se doar, integralmente, eu não quero nada mais para mim, eu quero paz e saúde. Então hoje eu me doo muito mais do que eu peço, eu digo é hora de você se doar em vez de pedir coisas. (Cláudio)

No relato de Cláudio, pode-se constatar que sua visão de si e do mundo foram alteradas após a morte de sua filha. Muitas vezes é difícil para o enlutado perceber algo de positivo a partir da morte de um ente querido. Porém, quando o enlutado pode se conscientizar de seu crescimento com a experiência, ele torna-se

mais fortalecido, contribuindo assim para a elaboração de um luto saudável (Mazorra, 2009).

A identidade dos pais enlutados diante da ausência do filho é transformada. A reconstrução de significado implica a reconstrução do próprio *self*, incluindo o crescimento pós-traumático, quando mudanças psicológicas positivas significativas sucedem a experiência da perda, validando ou invalidando o mundo presumido (Calhoun e Tedeschi, 2001; Parkes, 2009). Adriana se percebe melhor como pessoa: *“Isso me mudou muito mesmo. Eu acho que eu fiquei melhor como pessoa, entendendo mais certas situações”*. Elisa encontrou um sentido para a perda do filho através da reconstrução da sua identidade, compreendeu que ela própria tinha uma missão.

Para mim, isso me aconteceu para eu acordar, para o que tem adiante do que eu estou vendo, adiante do que está na minha frente, sabe? Tinha que acontecer isso comigo para eu acordar para um outro lado, para cumprir a minha missão. (Elisa)

O modo como a pessoa enlutada vivencia a perda está diretamente relacionado ao sentido que atribui a ela, atuando como um fator de resiliência. A maneira que Elisa encontrou de interpretar a perda de seu filho, percebendo-a como oportunidade para acordar e cumprir a sua missão pode funcionar como fator de proteção, atenuando seu sofrimento. Segundo Walsh (2005), crenças facilitadoras podem aumentar as opções para a resolução de problemas, cura e crescimento. Patrícia e Maria relatam o processo de fortalecimento de suas identidades a partir da perda de suas filhas.

Hoje me considero uma guerreira. No início, eu me considerei uma sobrevivente, porque eu pensei que não fosse aguentar. Eu estou viva e estou conseguindo dar um significado e tendo uma motivação para viver. (Patrícia)

Hoje eu não tenho vergonha de nada, eu meto a cara mesmo. Eu mudei muito, antes eu era mais tímida, eu tinha medo, medo de perder o emprego, eu não enfrentava porque tinha minha filha. (Maria)

Embora a morte de seus filhos tenha sido uma experiência extremamente dolorosa, constata-se que a maioria dos pais foi capaz de perceber alguns benefícios decorrentes da elaboração do luto. Mesmo que, em um primeiro momento, os pais enlutados se desesperem e percam a esperança de poderem se reerguer, alguns deles conseguem enfrentar a experiência trágica à medida que conseguem converter o sofrimento, reavaliando-o de forma positiva (Frankl,

2011). Adriana, Sueli e Gabriela percebem que se tornaram menos fúteis, mais pacientes e solidárias.

Hoje eu já não ligo mais para tantas coisas que eu ligava. Ligo para algumas coisas importantes de procurar viver o momento e pensar menos em futilidades, porque isso é muito pequeno. (Adriana)

Talvez eu tenha ficado mais solidária, eu tenha prestado mais atenção às pessoas, eu tenha aprendido a respeitar as dores, as diferenças. Passei a ter mais paciência com as diferenças dos outros, passei a ser mais conciliadora. Depois de passar por tudo, meu grau de relativizar as coisas ficou diferente, eu acho que ter ido ao fundo do poço e ter voltado me fez crescer como ser humano. (Sueli)

Eu vejo que hoje eu sou uma pessoa muito melhor. Totalmente melhor em todos os sentidos, em dar importância ao que tem importância, ser menos materialista, ter uma vida menos corrida. (Gabriela)

Apesar de acentuarem a brevidade da vida e a imperfeição do mundo, os pais enlutados que perdem seus filhos de forma violenta, seja por suicídio, homicídio ou acidente fatal, passam a apreciar a vida e encontrar benefícios por meio de crescimento pessoal mais frequentemente do que pais que perderam filhos por causas naturais ((Lichtenthal et al, 2013). Em alguns casos, o encontro de benefícios ocorre através da ajuda a outras pessoas que passam pela mesma situação. Patrícia e Talita, ambas psicólogas, passaram a coordenar grupos de apoio a pais enlutados, após a morte de suas filhas; Felipe e sua esposa montaram um grupo religioso que reúne pais enlutados uma vez por mês. .

Montei um grupo de mães. Fui trabalhar, aplicar aquilo que eu estava aprendendo no meu dia a dia para sobreviver em mães que não tinham condição de pagar lá no meu bairro. No consultório, eu atendo na medida em que aparece. Às vezes o projeto pára, às vezes, a gente retoma com outro grupo, é bem flexível sabe? (Patrícia)

Uma amiga (mãe enlutada) me chamou para montar um grupo para atender e aí eu pensei “cara como que eu vou fazer isso?” Começamos a fazer uma formação continuada e no ano passado, viramos um Instituto. Eu não queria que as pessoas se livrassem da dor. Esse grupo é um grupo de apoio mútuo. (Talita)

Logo depois do acidente, comecei com esse movimento. Cada vez foi aumentando mais. A gente avisa quando é o próximo grupo, a minha esposa liga para um por um, sempre o último sábado de cada mês. Há 12 anos, a gente se reúne e uma semana antes do Natal tem a missa de Natal dos pais órfãos de filho. (Felipe)

A missão de ajudar as pessoas que tiveram perdas semelhantes foi também relatada na pesquisa de Bogensperger e Lueger-Schuster (2014), na qual um terço

dos participantes, pais enlutados que tiveram perdas traumáticas e inesperadas (33,3%), descreveu o desejo por atividades concretas, como ajudar outras pessoas necessitadas ou construir um grupo de autoajuda.

4.3

Considerações Finais

O luto pela perda de um filho é amplamente considerado como um dos fenômenos mais dolorosos, intensos e devastadores e uma das razões para isso é a difícil tarefa que os pais enlutados têm de encontrar sentido após perda tão avassaladora, principalmente quando se trata de perdas inesperadas e traumáticas. A percepção do mundo como benevolente e significativo é destruída e os pais enlutados passam a se ver como indefesos e frágeis em um mundo sem sentido. Tendo em vista os vários significados que são desafiados com a perda de um filho, a construção de significados entre pais enlutados é um fenômeno complexo que muitos pesquisadores têm estudado nos últimos anos.

A religião e a fé apareceram como principais fornecedoras de sentido para a maioria dos pais enlutados. A crença de que algo transcende e a confiança em um ser superior funcionaram como fatores de proteção para os pais em seus processos de luto, que relataram que isso os ajudou a enfrentarem a perda. Diante do vazio enfrentado pela perda dos filhos, os pais enlutados buscam algo que lhes possa trazer conforto e controle sobre um evento tão desestruturante. Somente um pai não encontrou sentido para a perda da sua filha em causas espirituais ou religiosas, afirmando que acreditar que sua filha morreu por probabilidade estatística gerava conforto e possibilidade de continuar vivendo. Esse dado nos revela que, independentemente da base da explicação que é construída para a perda, encontrar algum sentido para ela é um fator de proteção significativo para os pais enlutados, atuando como fator de resiliência, uma vez que resiliência engloba a adversidade e a possibilidade de crescer com ela.

Assim como os pais encontraram algum sentido para a perda de seus filhos, também revelaram esforços em construir sentido para a vida de seus filhos. Por meio de discursos que idealizam as personalidades de seus filhos, os pais relatam que eles eram seres especiais e, por isso, tiveram as vidas abreviadas.

Embora o tema do encontro de benefícios seja bastante polêmico, foi possível observar que todos os pais enlutados conseguiram identificar mudanças positivas após a perda. Os aspectos positivos referem-se a relatos de maior apreciação pela vida, maior habilidade de enfrentamento de questões em geral, melhora nos relacionamentos com os outros, maior compaixão, maior valorização de aspectos espirituais da vida, bem como descrições sobre ações de ajuda a pessoas que tiveram perdas semelhantes.

Destacam-se algumas limitações do presente estudo. Os resultados obtidos são limitantes devido ao número reduzido de participantes e à falta de diversidade interna no grupo de pais enlutados, embora o material discursivo obtido tenha permitido um aprofundamento e a análise da complexidade das experiências frente à perda de filhos por acidentes de trânsito.

Os resultados da pesquisa podem ser úteis para o desenvolvimento de ferramentas de avaliação e intervenção que se baseiem em um modelo de luto que considera o significado como determinante crucial de ajuste à perda, auxiliando, assim, os pais enlutados em seu enfrentamento e adaptação. A fim de desenvolver eficazmente intervenções que abordam os desafios que pais enlutados enfrentam na elaboração de suas perdas, é essencial determinar quais são os aspectos da construção de significados e quais estão associados ao agravamento dos sintomas do luto.

A significação das experiências vivenciadas pelos pais da pesquisa, a partir da morte de seus filhos, foi central em seus processos de luto. É um grande desafio para os pais integrar a perda de seus filhos, atribuindo-lhe algum sentido e continuar vivendo, pois isso representa esforços para enfrentar o que aconteceu. As longas e emocionadas entrevistas, realizadas durante a pesquisa revelaram que os pais têm a persistente necessidade de falar sobre suas perdas, o que permite que elas se tornem, de alguma maneira, toleráveis e controladas. O processo de narrar o trauma torna possível construir novos significados para ele. Narrar o trauma inclui o desejo de renascer e de se religar ao mundo, apesar da perda, tornando-se sujeito novamente e apropriando-se da sua história.

COMPARTILHANDO A DOR: O PAPEL DAS REDES SOCIAIS NO LUTO PARENTAL

Resumo

O presente artigo é parte de pesquisa mais ampla sobre o processo de luto parental por acidente de trânsito. O objetivo deste estudo foi investigar o papel das redes de apoio social nas experiências de luto de pais que perderam filhos em acidentes de trânsito. Foram entrevistados 10 sujeitos, dois pais e oito mães. As entrevistas foram analisadas pelo método de análise de conteúdo. Os resultados obtidos indicam que o maior apoio recebido foi de familiares e amigos, porém, depois de certo tempo da perda, esse apoio torna-se escasso. Em alguns casos, o apoio social foi inadequado, refletindo em afastamento e evitação até mesmo de pessoas bem próximas. Os grupos de apoio a enlutados se mostrou uma importante ferramenta e um espaço bastante significativo de apoio. O julgamento das pessoas foi identificado pela maioria dos pais, uma vez que seu processo de luto não correspondia ao que elas esperavam, confirmando a ideia de uma cultura que psicologiza e disciplinariza o processo, deixando o enlutado solitário em sua dor.

Palavras-chave

Luto; rede social; grupos.

Abstract

The present article is part of a broader research on the mourning process of parents who lost their children in traffic accidents. The purpose of this study was to investigate the role of mourning rituals of parents who have undergone this experience. The authors interviewed 10 subjects – 2 fathers and 8 mothers – and analyzed the interviews using the content analysis method. The results show that the greatest support received was from family and friends, but after some time of

the loss, this support becomes scarce. In some cases, social support was inadequate, reflecting the fact that people were very close and avoided. The support groups for mourners have proved to be an important tool and a very significant space of support. The judgment of the people was identified by the majority of the parents, since their grieving process did not correspond to what they expected, confirming the idea of a culture that psychologizes and disciplines the process, leaving the lonely mourner in his pain.

Keywords

Mourning; social support; groups

No Brasil, país da alegria, do futebol e do carnaval, falar de eventos trágicos não costuma ser bem-vindo. Isso se torna mais evidente na cultura atual, na qual o imperativo de ser feliz se faz presente, que impõe a busca pelo bem-estar pleno, que inclui, entre outros requisitos, evitar o sofrimento (Bezerra, 2010). Nesse contexto, coloca-se o questionamento: Como lidar com o sofrimento de perder alguém amado de forma inesperada na sociedade atual? Como viver o processo de luto em uma sociedade que impõe ser feliz a qualquer preço?

Observa-se uma mudança significativa na sociedade brasileira, no que diz respeito às relações sociais, a partir da segunda metade do século XX. Em relação ao fenômeno do luto, a sociedade brasileira vive uma ambiguidade no que diz respeito à expressão das emoções. Antes de 1960, poderia se dizer que se tratava de uma sociedade relacional, na qual predominavam atitudes comunitárias frente ao fenômeno da perda. Por meio de rituais solidários, baseados em valores religiosos e morais, os membros da sociedade se reuniam para ajudar aquele que estava sofrendo. Ao contrário disso, a partir da segunda metade do século XX, assistimos a uma crescente individualização e privatização do sofrimento, por meio do qual os rituais solitários são mais bem aceitos. Cria-se, assim, uma tensão inexistente anteriormente, entre os espaços público e privado, favorecendo o processo de fragmentação das esferas de vida social e cultural em que os indivíduos se inserem (Koury, 2014).

Dessa forma, o fenômeno do luto, processo normal e esperado após a perda de alguém significativo, tende a ser elaborado nos limites da privacidade e vivenciado de forma solitária, cedendo espaços apenas para as manifestações

públicas socialmente reguladas. Os sentimentos de discrição frente a uma pessoa enlutada e de vergonha de sentir-se enlutado marcam o homem contemporâneo e o processo social do sofrimento torna-se esfacelado, permanecendo o sujeito sozinho em seu ritual introspectivo. Para Koury (2014), na sociedade brasileira urbana, observa-se uma tendência de deixar de ser relacional, pois não integra mais os rituais e nem o próprio enlutado às malhas sociais. Segundo o autor, essa tendência orienta toda a sociedade ao lidar com a morte e o processo de luto em tempos atuais.

Embora a experiência do luto seja única para cada indivíduo, ela é influenciada por diversos fatores, entre eles o tipo e a extensão do apoio recebido pelo enlutado e se esse apoio é percebido como útil por ele. Alguns fatores de risco podem provocar uma maior vulnerabilidade do enlutado no desenvolvimento de um luto saudável e implicam características situacionais, intrapessoais e interpessoais. Pesquisas têm sido desenvolvidas no sentido de identificar fatores de risco para compreender por que algumas pessoas são mais afetadas do que outras quando têm que enfrentar uma perda significativa. Dessa forma, torna-se possível identificar os fatores de proteção que possam promover a resiliência, reduzindo o risco de complicações na saúde física e mental do enlutado (Stroebe; Zech; Stroebe & Abakoumkin, 2005).

Há poucas pesquisas sobre a presença e os efeitos da rede social como fator de proteção à pessoa enlutada. Rede social pessoal é definida por Sluzki (1997) como a totalidade das relações percebidas como significativas pelo indivíduo, cujas funções são companhia social, apoio social, apoio emocional, guia cognitivo e conselhos, regulação social, ajuda material e de serviços. Sluzki (1997) aborda os diversos níveis nos quais a rede social pode afetar a saúde do indivíduo. Num nível atávico de base evolutiva, qualquer pessoa, frente a um perigo ou alarme, sente-se segura diante de figuras que lhe são familiares. Num nível existencial, as relações sociais contribuem para dar sentido à vida das pessoas. Num nível social, a rede proporciona uma retroalimentação cotidiana que monitora a saúde de seus membros.

As fontes primárias de apoio social, fundamentais em tempos de crise, são parceiros, membros da família, amigos, relações de trabalho ou escolares, relações comunitárias e de serviço (Sluzki, 1997). No caso de pessoas enlutadas, a rede social fornece segurança e acolhimento para compartilhar os sentimentos

envolvidos na perda. No entanto, é muito importante que o cuidado oferecido seja atento e sensível às necessidades do enlutado, provedor de empatia e continência e não crítico, caso contrário, o enlutado poderá continuar a sentir-se solitário em sua dor (Rando, 1993). Muitas pessoas não sabem o que dizer aos enlutados e evitam conviver com eles, principalmente nos momentos e dias seguintes à perda. Além disso, a sociedade, em geral, estabelece prazos ideais para o processo de luto, julgando qual o tempo apropriado para o pesar. Em consequência disso, muitos enlutados escondem sua dor e transmitem a falsa ideia de que estão bem. Segundo Parkes (1998), a inibição de pensamentos e sentimentos sobre um trauma age como estresse acumulado, aumentando o risco de doenças e problemas relacionados ao estresse. Em pesquisa com esposas enlutadas, essas revelaram que desejavam ter oportunidades de expressar seus sentimentos, particularmente com alguém que tivesse passado também pela mesma experiência. Dessa forma, participar de grupos de apoio ao luto era uma forma de proporcionar a elas espaço para expressassem seus sentimentos, reduzindo assim a solidão sentida após a viuvez. As pessoas mais solitárias no estudo foram as que disseram que, embora tivessem pessoas com quem compartilhar seus sentimentos, elas não estavam prontamente disponíveis (Utz; Swenson; Caserta; Lund & deVries, 2013).

Compartilhar com os outros permite que as memórias permaneçam vivas, por isso a maioria dos pais enlutados têm prazer em falar sobre as vidas de seus filhos. Porém, pais enlutados se ressentem do afastamento das pessoas de sua rede social. Portanto, a ideia de um espaço seguro onde possam falar de suas dores torna-se essencial em sociedades em que a morte ainda é um assunto desconfortável (Gear, 2014; Stevenson, Achille, Liben, Proulx, Humbert, Petti, Macdonald & Cohen, 2017). Os dados da pesquisa de Serpa (2014) revelaram o afastamento de pessoas no processo de luto materno, relatado pelas mães enlutadas. Essas se ressentiam da falta de apoio e manifestaram um sentimento de estigmatização, que fez com que elas próprias se afastassem e se isolassem, provocando, em alguns casos, a intensificação de sentimentos negativos. Evitar falar sobre o tema da perda é comportamento comum na sociedade percebido pelos pais quando perdem seus filhos. Muitas vezes, ao falarem de seus filhos, percebem incompreensão e certo constrangimento social, fazendo com que eles tenham que buscar ajuda profissional (Serpa, 2014; Gijzen; L'Hoir; Boere-Boonekamp & Need 2016; Wago, Byrkjedal, Sinnes, Hystad &

Dyregrov, 2017). Em pesquisa que investigou o luto parental, 97% dos 64 pais entrevistados relataram terem recebido algum tipo de apoio emocional após a morte do filho, geralmente oferecido pela família, por profissionais e pela sua rede social, porém 52% afirmaram que o apoio emocional recebido foi insuficiente (Gijzen et al, 2016).

Uma maneira de minimizar os efeitos causados pelo isolamento sofrido por pais enlutados é o contato deles com outros pais. Para eles, apenas outros pais enlutados podem entender a natureza da sua perda. Os grupos de apoio funcionam neste espaço deixado pela sociedade que tem dificuldades em acolher o enlutado, fazendo com que esse tenha que procurar pessoas que passaram por perdas semelhantes para poder ser ouvido e compreendido. Principalmente após algum tempo decorrido da perda, quando as pessoas já voltaram para suas rotinas diárias, os pais percebem que o apoio social diminui ainda mais e se sentem mais solitários, mesmo tendo uma rede social ampla (Benkel, Wijk & Molander, 2009).

Os grupos de apoio funcionam também como espaço para a construção de significados, já que todos os temas que surgem são, em parte, questões de significado. Nesse ambiente confortável, os pais compartilham sentimentos, pensamentos e comportamentos que seriam interpretados como estranhos por pessoas que não experimentaram perda semelhante, como por exemplo, vestir as roupas do filho morto, mostrar fotografias, desejo de morrer, entre outros. Mesmo quando um comportamento não é compartilhado por outros, o grupo apoia o pai enlutado, fornecendo comentários tranquilizadores. Ao acompanhar um grupo de pais enlutados, Grinyer (2012) define o grupo como um lugar seguro, onde todos os membros lidam com a complexidade do fenômeno de perder um filho, ao mesmo tempo em que têm a tarefa de reconfigurar e reaprender a nova realidade de seus mundos cotidianos, reconstruindo suas biografias. Pais enlutados por mortes inesperadas se sentem mais satisfeitos com o suporte do grupo do que outros que perdem filhos por mortes esperadas. Além disso, a satisfação com o grupo vai depender da condução do mesmo. Parte do sucesso do grupo decorre do apoio incondicional e da compreensão oferecida a todos os membros que foram capazes de compartilhar sentimentos e comportamentos que seriam considerados disfuncionais em qualquer outro contexto (Grinyer, 2012).

Em alguns casos, pessoas com uma rede social relativamente pequena podem se sentir satisfeitas com a qualidade e frequência dessas interações e,

portanto, menos solitárias que outras que podem ter redes sociais muito maiores e mais envolvimento em atividades sociais, porém não possuem conexões significativas com essas pessoas e atividades, aumentando a probabilidade de solidão. Portanto, pessoas enlutadas com recursos sociais similares podem ter experiências subjetivas muito diferentes no que concerne ao sentimento de solidão (Utz et al, 2013).

Endo, Yonemoto e Yamada (2015) realizaram uma revisão sistemática da literatura a fim de investigar a eficácia das intervenções a pais e irmãos enlutados. Essas intervenções se resumiam a grupos de suporte, aconselhamento, psicoterapia e intervenções de crise. Para os autores, há pouca evidência de que essas intervenções têm efeitos positivos na saúde mental dos pais enlutados. Alguns estudos relataram melhora nas reações de sofrimento dos pais, porém, eles realizavam simultaneamente tratamento com medicamentos para depressão, impossibilitando identificar o que realmente causava a melhora em sua saúde. Para os autores, não é possível identificar quem necessita de suporte profissional após a morte de filhos, a não ser através de uma avaliação profissional, usando instrumentos validados a fim avaliar se a pessoa enlutada apresenta um quadro de luto complicado. Na pesquisa realizada, os dados corroboram a ideia de que as intervenções com suporte profissional a enlutados são eficazes para reduzir os sintomas de pessoas que apresentam quadro de luto complicado, não se podendo afirmar que são adequadas para todas as pessoas, de forma indiscriminada (Endo et al, 2015).

A literatura sobre o luto tem se concentrado na percepção do luto como um fenômeno individual e intrapsíquico, havendo uma escassez de pesquisas que tratam do fenômeno dentro de um contexto social mais amplo. Proliferam serviços especializados de aconselhamento e espaços de suporte ao enlutado, tratando o luto no espaço privado. Isso se deve às exigências da vida moderna e à indisponibilidade da comunidade em acolher o enlutado, exigindo que ele procure serviços profissionais (Bezerra, 2010; Walter, 2000). Segundo Valentine (2006), os modelos psicológicos negligenciam o aspecto de que o luto é moldado socialmente, inibindo a compreensão da complexidade individual, social e cultural do fenômeno, além da diversidade das formas de expressão de sofrimento associado a este fenômeno. A perda de um ente querido deveria ser encarada como parte integrante da vida, compreendendo-se que não só o indivíduo e a

família são afetados, como a comunidade à qual o morto pertencia. Walter (2000) questiona o viés psicologizante sobre o luto, que teve como consequência a construção de um paradigma de estudo privado da subjetividade que produziu implicações sociais, como o policiamento, a medicalização e a disciplinarização da experiência da perda. Para Morin (1997), seria necessário, em uma sociedade na qual a expressão dos sentimentos diante de uma perda tornou-se inibida, abrir caminho para a expressão da emoção provocada pelo contato com a morte, por meio da retomada da valorização dos rituais assim como pelo fortalecimento das redes de apoio formais e informais.

Neste artigo, pretende-se investigar o papel das redes de apoio social nas experiências de luto de pais que perderam filhos em acidentes de trânsito. As mortes por acidentes têm características significativamente diferentes do que aquelas por causas naturais e esperadas, por serem repentinas, inesperadas e violentas e por atingirem jovens em sua maioria.

5.1

Método

5.1.1

Participantes

Foram entrevistados 10 pais, sendo 8 mulheres e 2 homens. As idades dos filhos variam de 16 a 42 anos. Os filhos dos sujeitos da pesquisa morreram em decorrência de acidente de trânsito, sendo que 7 deles morreram no local do acidente e 3 foram resgatados com vida, vindo a falecer alguns dias depois. A Tabela 1 (em anexo) apresenta a descrição do perfil dos participantes.

5.1.2

Instrumentos e procedimentos

Como instrumento de investigação, realizou-se, com cada participante, uma entrevista com roteiro semiestruturado, composto pelos seguintes eixos temáticos: *o processo de luto; fatores de proteção e de risco; presença de rituais fúnebres; redes de apoio; especificidades da perda de filho; grupos de suporte ao*

enlutado. As entrevistas foram gravadas, com a devida autorização dos participantes, tiveram duração média de três horas e ocorreram no consultório da pesquisadora ou nas casas de alguns participantes, de acordo com a sua conveniência.

5.1.3

Cuidados Éticos

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da XXX, onde foi desenvolvido. Os participantes foram recrutados por meio da rede social da pesquisadora e a partir do contato com o NAVI (Núcleo de Apoio a Vítimas do Trânsito), localizado na cidade do Rio de Janeiro. Os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os nomes dos pais utilizados ao longo do trabalho foram devidamente substituídos por nomes fictícios.

5.1.4

Análise e discussão dos resultados

O material das entrevistas foi transcrito e submetido ao método de análise de conteúdo, na sua vertente categorial, com a finalidade de investigar, a partir do material discursivo, as significações atribuídas pelas entrevistas aos fenômenos. Por meio da técnica categorial, foram destacadas categorias temáticas, organizadas a partir da semelhança entre os elementos contidos no material coletado. Para tal, procedeu-se a uma “leitura flutuante”, agrupando-se dados significativos, identificando-os e relacionando-os, até se destacarem as categorias de análise (Bardin, 2011).

A partir do material discursivo, emergiram várias categorias de análise. Para atingir o objetivo deste trabalho, serão discutidas as categorias *rede de apoio informal (familiares e amigos)* e *rede de apoio formal (profissionais e grupos de apoio)*.

No processo de luto parental, os pais enlutados enfrentam uma reorganização de suas identidades, construindo novos significados para a vida e para os relacionamentos em geral. Além disso, os pais lutam para encontrar maneiras de manter o vínculo com seus filhos mortos. Embora esse processo seja,

em parte, individual, ele necessita do contexto social para ser bem desenvolvido. Quando pais perdem filhos, eles necessitam de apoio social para o enfrentamento desta perda. Na pesquisa, os entrevistados relataram que o apoio social foi fornecido por familiares, amigos e colegas de trabalho, que foram agrupados na categoria *rede de apoio informal* e por profissionais de saúde e grupos de apoio a enlutados, que foram agrupados na categoria *rede de apoio formal*.

5.2

Rede de apoio informal

O apoio de familiares e amigos é essencial para a superação do sofrimento após uma perda significativa. Embora essas pessoas não encontrem respostas para justificar uma perda tão significativa, o fato de estarem próximas e disponíveis fornece conforto aos pais enlutados. Os familiares e amigos foram citados pelos entrevistados como as principais fontes de apoio informal, principalmente logo após a perda.

A minha família foi um apoio que um se deu ao outro, foi um apoio mútuo porque todo mundo estava dilacerado. Todo mundo fragmentado, mas nós somos muito unidos, meus sobrinhos, o pai dos meus filhos. Foi uma fonte de muita energia, muita força e continuamos dando até hoje em dia um pro outro. Meus amigos foram imprescindíveis, porque eu tenho muitos amigos, tanto na Igreja como no trabalho. (Patrícia)

A família da minha esposa é muito presente, deram apoio pra gente absurdamente fantástico durante muito tempo. O meu cunhado vivia na minha casa, levava comida pra gente. Eu vi o meu cunhado lavando louça, ele procurava ir, bater papo com a gente. O maior apoio que tivemos foi dos familiares. (Cláudio)

O suporte prático recebido por Cláudio é tão importante quanto o apoio emocional recebido, principalmente nos dias seguidos à perda. Esse dado corrobora resultados da pesquisa de Breen e O'Connor (2011) em que os familiares enlutados destacavam a importância do apoio dado particularmente nos dias, semanas e meses seguintes às mortes de seus entes queridos, incluindo telefonemas, visitas, envio de cartões e flores, preparação de refeições e tarefas domésticas. No entanto, algumas interações com outras pessoas podem ser percebidas como não favoráveis ou problemáticas. Pais enlutados, às vezes, se sentem negligenciados ou rejeitados por amigos depois da morte de seus filhos

(Gear, 2014; Stevenson et al, 2017). Os relatos de Elisa e Cláudio ilustram esse dado.

No princípio todo mundo ali muito presente, é o que a gente fala, durante esse mês que vem vocês vão ter sempre alguém junto, depois é só nós, a dor é nossa. (Elisa)

No começo, muitas flores nos enviaram, mas quando as flores murcham você se depara com a solidão, aí que você começa a sentir o peso da solidão, você repara que só tem você e a sua mulher, seus filhos. (Cláudio)

Felipe destaca a presença de muitas pessoas na missa de sétimo dia de seu filho, mas ressalta que a frequência vai diminuindo com o passar do tempo.

A quantidade de gente que tinha na missa de sétimo dia. O Frei disse que nunca viu a paróquia dele tão cheia, impressionante, impressionante. Na missa de trinta dias, tiveram alguns parentes mais próximos e alguns amigos mais chegados, as pessoas voltam a sua rotina e você não pode condená-las. Quem vai carregar esse fardo pro resto da vida é você, a mulher, teus outros filhos. (Felipe)

O afastamento de pessoas próximas é percebido principalmente em casos de perdas de filhos, que se configura como uma perda bastante traumática devido à inversão do ciclo natural da vida. Ao invés de abrirem espaço para que os pais possam falar de seus filhos, as pessoas, em geral, evitam falar sobre o tema, fazendo com que os pais, por sua vez, se recolham (Serpa, 2014). Nos relatos de Maria e Sueli, fica claro que algumas pessoas próximas a elas fornecem apoio inadequado, no sentido de evitarem conversar sobre as suas perdas.

A minha irmã te atropela, quando eu falo da XXX (nome da filha) ela muda de assunto, te atropela, ela não escuta. Eu fiquei muito sozinha, eu ia trabalhar e chegava em casa sozinha. (Maria)

Ninguém queria conversar comigo, achavam que me entristecia. Então eu vivi todo o meu luto com o psiquiatra. (Sueli)

Maria e Sueli revelam a necessidade que tinham de conversar sobre seus filhos, principalmente logo após as perdas. Pais enlutados identificam apoio adequado como aquele que os permite se sentirem confortáveis o suficiente para falarem sobre suas experiências, que os ajude a lembrar dos aspectos positivos da vida de seus filhos e que lhes permita vivenciar o sofrimento em seu próprio ritmo (Stevenson et al, 2017).

Além disso, o impedimento de falarem de seus filhos sugere a desvinculação com os mesmos. É comum, na sociedade contemporânea ocidental,

se pensar que falar muito sobre os mortos reflita alguma patologia. Muitas vezes, amigos e familiares sugerem tirar ou apagar fotos, sugerindo que os enlutados devam esquecer seus entes queridos e seguir em frente. Fotografias e pertences do falecido exercem papel importante no luto, porque facilitam os laços continuados com o falecido e são catalisadores para falar sobre o falecido com outras pessoas (Klass, 2015).

Alguns pais relataram também experimentar um comportamento de evitação explícito e afastamento por parte de pessoas das suas redes sociais. Frequentemente, a evitação ocorre em locais públicos, onde os enlutados cruzam, involuntariamente, com aqueles que os evitam (Breen & O'Connor, 2011). Cláudio relata que vivenciou uma situação como essa com uma ex-vizinha, que conheceu sua filha.

Foi uma das coisas mais ridículas que eu vivi na vida, eu estava na rua e vinha essa moça na minha direção e eu vi pelos olhos dela que ela entrou em pânico, ela entrou na farmácia e aí eu entrei, então, era ridículo. Ela fazendo compras, escondendo-se de mim, eu fiquei encabulado por ela. Ela estava fugindo de mim, como se eu fosse um leproso e não foram poucas essas pessoas. (Cláudio)

Além do constrangimento por não saber como se comportar ou o que falar ao pai enlutado, a reação acima descrita reflete um movimento contemporâneo indicado por Koury (2014) em sua pesquisa, que é o de ser discreto diante do sofrimento da outra pessoa, mesmo que ela seja próxima. O processo de luto deve se desenvolver de forma silenciosa e privada e o enlutado não deve ser importunado. Segundo o autor, o comportamento das pessoas em relação àquele que sofreu a perda é de constrangimento e embaraço.

Elisa, Patrícia e Felipe perceberam o afastamento de pessoas da sua rede social, principalmente familiares e amigos que eram próximos.

Aquele pessoal todo que a gente conhecia foi se afastando, aí as amizades da gente passaram a ser outras, do centro lá do kardecismo. As famílias que a gente conhecia lá dentro e agora esse grupo dos pais do Joao Hélio. É um grupo, a gente faz reuniões na casa do pai dele. (Elisa)

Muita gente quer ficar longe de mim, muitos querem ficar perto. Muitos apareceram, muitos reapareceram, mas alguns sumiram. Dentre esses, tinham uns muito amigos, inclusive uma comadre que sumiu, desapareceu. Eu sou madrinha da filha dela. Eu tenho assim, uns cinco casos que eu não esperava que fizessem isso comigo, mas fizeram. Não me incomoda porque a minha dor é tão grande! (Patrícia)

Eu tinha amigos de me encontrar na rua, de dar beijo no rosto, alguns nem apareceram na missa de sétimo dia, nunca me deram um telefonema. Um primo, criado comigo, me ligou há seis meses e eu disse: doze anos depois, você resolve me ligar? Ele disse que queria me pedir desculpas. Deus está te perdoadando, quem sou eu para te perdoar? (Felipe)

Em alguns casos, o relacionamento com familiares e amigos se modifica após a perda de filhos. Essa ideia foi confirmada em pesquisa realizada por Stevenson et al (2017), na qual os pais, após um ano da morte dos filhos, disseram que a natureza dos relacionamentos com amigos e familiares mudou significativamente.

O apoio inadequado de familiares foi apontado por Sueli.

Minha irmã não se afastou não, mas toda vez que eu começava a falar do acidente e chorar, ela dizia: Sueli, pelo amor de Deus, pára! E eu dizia tu não sabe o que é isso [...] para sobreviver a essa dor eu tenho que falar dele, meu filho fez parte da minha vida dezenove anos e faz parte, faz parte eu não posso apagar isso, ele é a minha vida, eu não posso apagar, eu espero que tu não veja um filho seu enterrado. (Sueli)

A narrativa acima evidencia a dificuldade dos indivíduos no compartilhamento da dor. A privacidade e a discrição na expressão do sofrimento passam a ser uma regra de convivência e isso implica viver a experiência do luto na singularidade e na intimidade de quem sofre uma perda (Koury, 2014). Por outro lado, Cláudio, Maria e Gabriela receberam grande apoio da empresa em que trabalhavam, na época da morte de suas filhas, incluindo pagamentos das despesas com tratamento psicológico.

A minha empresa, nesse ponto, foi fantástica na figura da diretora de RH, ela foi muito presente naquela época em dar suporte para mim e para a minha família. Até algo que a empresa na época não tinha que era terapia, eles pagaram para nós, seis meses de terapia. Nós passamos a fazer terapia de luto, a XXX (nome da terapeuta) é especialista em terapia de luto. (Cláudio)

Não perco um encontro do NAVI (Núcleo de Apoio às Vítimas do Trânsito). Meu chefe é muito gente boa e libera para eu participar do grupo. (Maria)

Eu passei a fazer terapia semanal, individual. Eu recebi um apoio da minha empresa, que pagou o meu tratamento com a terapeuta do luto. A empresa pagou, eu fiz um ano e meio semanal e individual e além dessa terapia individual, eu passei a fazer a terapia de grupo de mães enlutadas. (Gabriela)

Os colegas de trabalho da pessoa enlutada são fundamentais como fornecedores de apoio social durante períodos de estresse, contrariando a ideia de

que em local de trabalho a expressão de sentimentos ou o compartilhamento de questões da vida privada são inadequados (Breen e O'Connor, 2011).

5.3

Rede de apoio formal

Como rede apoio formal, destacamos os serviços profissionais médicos e psicológicos, além dos grupos de apoio a enlutados. Os serviços públicos de assistência ao luto ainda são escassos na cidade do Rio de Janeiro. Os pais procuraram psicoterapeutas e psiquiatras da rede particular de saúde, a fim de abordarem questões relacionadas ao seu luto, pois isso se torna difícil em suas redes sociais informais, principalmente depois de passado algum tempo da perda. Sueli faz consultas com o psiquiatra até hoje.

Psiquiatra, psicanálise fiz 10 anos. Tomei antidepressivo e tomo até hoje. Eu não queria sair da cama, eu saía para trabalhar, mas ficava louca quando chegava o final de semana, porque final de semana era muito pior. (Sueli)

Quando interrogada sobre a ajuda que recebeu após a perda da filha, Patrícia, que é psicóloga, afirma que além da fé, a ajuda da psicoterapia e da psiquiatria foi fundamental para a sua saúde psíquica.

Eu consegui, através da minha profissão, perceber que eu precisava de ajuda, porque muitas mães se omitem, preferem morrer. Fui fazer terapia, busquei o grupo do Detran também. Faço individual até hoje e tem a questão da medicação. Então eu separei esses três princípios aí, a fé, a terapia e a psiquiatria. (Patrícia)

Esses dados vão ao encontro de pesquisa realizada por Stevenson et al (2017), na qual os pais enlutados relataram que procuraram os serviços profissionais de ajuda psicológica, pois esses forneciam um lugar para falarem abertamente sobre suas perdas a uma pessoa neutra, que não iria julgá-los. Cláudio relata que ele e sua família nuclear (esposa e outros filhos) buscaram ajuda psicológica logo após a perda da filha.

Primeiro fizemos cada um individual durante oito meses e a psiquiatra que me atende até hoje, que já me atendia antes, na parte medicamentosa. As minhas filhas tiveram terapia também, só quem não quis terapia individual foi a XXX (esposa). Nós passamos a fazer terapia de luto, a terapeuta era especialista em

luto, toda a família fez aquilo, era muito doloroso para a minha filha menor. (Cláudio)

No relato de Cláudio, percebe-se a importância da família como sistema de apoio no caso de perdas. A morte de um membro altera a dinâmica e o funcionamento do sistema como um todo e a cada um de seus membros individualmente. A busca de apoio profissional foi fundamental para a elaboração do luto familiar (Walsh & McGoldrick, 1998). Assim como Cláudio, Talita buscou ajuda de uma psicóloga por não ter com quem dividir a sua dor.

Eu não tinha com quem falar sobre a XXX (filha). E eu falava com o meu pai, mas dava dó. Eu falava com todo mundo, na verdade, aí eu fui procurar a terapeuta de luto. (Talita)

Cláudio e Talita relataram experiências de não acolhimento de psicoterapeutas logo depois da perda que sofreram, revelando apoios inadequados.

O primeiro terapeuta eu não gostei dele, eu tive uma reação violenta em relação a ele, porque eu cheguei na sala dele e tal eu contei o fato e ele falou: É essas coisas acontecem. Acho que faltou tato, visão e olha que ele é um bam bam bam. Mas aquilo me bateu forte eu em senti agredido aí não quis voltar mais nele. (Cláudio)

Ela disse que meu luto era complicado, com graves riscos e que eu tinha que procurar caminhar, estar ao ar livre, pegar uma caixinha, colocar as coisas dela nesta caixinha e eu fiquei parada olhando para cara dela, e essa sessão custa 500,00 isso em 2011. Eu disse que não tinha condições de pagar e aí ela disse que tinha uma agenda social, que cobrava 150,00, mas no momento estava ocupada, então no dia que eu tiver alguma agenda para você eu te aviso. E aí nunca mais me ligou né? (Talita)

Nos relatos acima, percebe-se que alguns profissionais de saúde, inseridos em uma cultura de psicologização e disciplinarização do luto, acabam inibindo a verdadeira compreensão da complexidade individual, social e cultural do fenômeno. Ao invés de uma condição a ser tratada, a perda de um ente querido deveria ser encarada como parte integrante da vida, afetando não só o indivíduo e a família, como a comunidade da qual o morto pertencia (Walter, 2010; Valentine, 2006).

A maioria dos pais enlutados se sente sozinho depois de algum tempo da perda. Em geral, esse sentimento diminuiu ao longo do tempo. Utz et al (2013) afirmam que, em alguns casos, isso acontece porque as pessoas enlutadas se acostumam a viver sozinhas ou reajustem suas expectativas em relação ao apoio

social e às relações sociais em geral. Devido à percepção de que as pessoas ao redor não estão mais tão disponíveis para lhes apoiar ou ouvir, alguns pais consolidam amizades com outros pais enlutados.

Se eu receber uma ligação do XXX (pai enlutado) ou de qualquer outro amigo do grupo, eu tenho absoluta tolerância de ficar 3, 4 horas ouvindo e sei que eles também vão me ouvir porque ambos têm tolerância. Um vai ter tolerância com o outro. Tem parente que diz puxa vida, eu dou tanto apoio e ele continua assim, parece que não evoluiu, mas depois de tantos anos. (Felipe)

Os pais enlutados relataram se sentirem mais compreendidos por aqueles que experimentaram situações semelhantes. Além disso, eles desejam ajudar os outros através do que aprenderam com o seu sofrimento e ter mais contato com outros pais enlutados (Serpa, 2014). Felipe montou um grupo de ajuda a pais enlutados, que se reúne uma vez por mês.

Muitas vezes as pessoas têm a intenção, mas não conseguem ser solidárias à coisa, às vezes, querem ligar com o ímpeto de querer ser solidário, mas faltam palavras e elas só dizem que também passei por isso. Eu queria ouvir mais e aí eu disse para a minha mulher que nós precisávamos ir na busca das pessoas que tenham passado pelo mesmo problema. E começaram os grupos de mútua ajuda. (Felipe)

Alguns comentários são considerados dolorosos e inadequados pelos enlutados. De dentro de suas redes sociais, as pessoas enlutadas enfrentam toda a gama de pressupostos do discurso dominante do luto, que tenta disciplinar a experiência e precipitar o processo de luto que leva tempo e não é linear. Em pesquisa com familiares que perderam um membro em acidentes, esses se lembravam de comentários perturbadores depois de muitos anos decorridos da perda. Os efeitos destes comentários podem ser de longa duração e particularmente dolorosos, especialmente quando eles partem de pessoas que os entrevistados consideram úteis para ajudá-los (Breen & O'Connor, 2011).

Cláudio relembra um comentário que ouviu de uma colega de trabalho e que o deixou perplexo.

Quando eu voltei ao trabalho, a gente saiu para almoçar fora, não tinha nem um mês que a XXX (filha) tinha morrido e, na hora do almoço, eu me senti mal e comecei a chorar e ela falou: qual é o problema? Tem alguma coisa errada com você, você precisa falar com seu psiquiatra. Isso não tá certo. Como isso não tá certo criatura ? Tem 30 dias que a minha filha morreu, eu deveria estar como ? Página virada? Mas acho que as pessoas que não passam por isso não tem noção. (Cláudio)

Em decorrência do desconforto sentido por pais enlutados em sua rede social, muitos deles procuram formar grupos em que possam falar de suas dores, sem julgamento. Talita coordena um desses grupos que foi montado com duas outras mães enlutadas.

Começamos a fazer uma formação continuada. No ano passado, quando a gente virou um Instituto, a gente começou como uma página no FB e quando chegou a 5000 pessoas foi criada a *fan page*. Eu passei a atender essas mães. Eu não queria que as pessoas se livrassem da dor. Esse grupo é um grupo de apoio mútuo. (Talita)

Os grupos de apoio tornam as pessoas enlutadas menos isoladas e melhor compreendidas por outras pessoas que passaram pelo mesmo tipo de perda. Principalmente em casos de pessoas que têm uma rede social limitada e pouco apoiadora, os grupos se tornam ainda mais eficazes no sentido de ajudá-las em seus processos de luto (Benkel et al, 2009). Maria, que perdeu sua única filha, relata a importância do grupo. *“É um encontro social. Às vezes um chora, outro fala, é legal porque você vai vendo que as pessoas vão passando, é informal, a gente fala, ri, chora, é legal”*. Pais enlutados procuram estar com outros pais com o objetivo de aprenderem com eles como conseguiram sobreviver à perda tão significativa. Cláudio relata a importância e a especificidade do grupo de pais.

Você conhece algum grupo de filhos que perderam pais se reunirem depois de 10, 15, 20 anos? Você conhece algum grupo de cônjuges que perderam seus maridos, esposas, depois de 10, 15 anos? Não existe. Agora, quantos grupos você conhece de perda de filhos? Nesse grupo que a gente frequenta, tem gente que perdeu filho há 20 anos, não cessa essa dor, não cessa, não cessa mesmo. (Cláudio)

Ver outros pais que passaram por experiências semelhantes funciona para validar as emoções e reações intensas que os pais experimentam. Além disso, os grupos de apoio servem para manter lembranças dos filhos mortos como parte do desenvolvimento de um luto saudável. Participar de um grupo de pais enlutados, no qual datas serão lembradas, fotografias serão compartilhadas ou músicas serão tocadas, funciona também para a continuidade do vínculo com o filho morto (Klass, 2015).

5.4

Considerações Finais

Na sociedade contemporânea ocidental, buscar ajuda nem sempre é tarefa fácil. Receber apoio emocional em um momento trágico como a perda de um filho é fundamental para o desenvolvimento de um processo de luto saudável, o que gera um maior desenvolvimento da saúde física e mental dos pais enlutados em longo prazo. Uma sociedade fechada para escutar a dor dos enlutados representa um risco para a saúde dos seus membros, pois destrói os fundamentos de uma sociedade dita relacional. Quando pessoas enlutadas podem contar com o apoio da sociedade em que vivem, compartilhando seu pesar, os crescimentos pessoais e coletivos podem ocorrer.

Os pais enlutados relataram apoio proveniente de familiares, amigos, colegas de trabalho e até de pessoas estranhas, porém, depois de certo tempo passado da perda, esse contato vai ficando escasso, pois as pessoas vão retornando às suas rotinas diárias. O suporte prático e o apoio emocional foram percebidos como particularmente úteis no período após a perda, porém, em alguns casos, o apoio social foi inadequado, refletindo em afastamento e evitação até mesmo de pessoas bem próximas.

Os grupos de apoio a enlutados se mostrou uma importante ferramenta e um espaço bastante significativo de apoio, que contribui para que os pais se sintam confortáveis o suficiente para falar sobre suas experiências, que os ajudam a lembrar os aspectos positivos da vida de seus filhos e compartilhar seu sofrimento com outras pessoas que passam por perdas semelhantes e que não vão julgá-los, como o fazem, muitas vezes, as pessoas de suas redes sociais. Manter lembranças dos filhos é parte do processo de luto e preparação para a construção da identidade dos pais, não é uma negação da morte, mas uma maneira valorizada de integrar a história da vida e da morte dos filhos nas vidas que seguem. Assim, pode-se afirmar que a tarefa do grupo de apoio a pais enlutados não é apenas aceitar os comportamentos de seus membros, muitas vezes incompreensíveis para outros que não compartilham perdas semelhantes, mas também ajudar a reaprender o mundo de uma maneira que os ajude a manter a continuidade do vínculo parental.

A maioria dos entrevistados relatou terem sido julgados em dias e meses seguidos à perda de seus filhos, na medida em que seu processo de luto não correspondia às expectativas das pessoas ao redor, em termos de forma, intensidade e duração. Em nossa cultura, o domínio da normatividade sobre o modo adequado de se vivenciar uma perda é uma realidade constrangedora. A psicologização e disciplinarização do luto são temas que vêm sendo discutidos nos campos da Psicologia, da Sociologia e da Antropologia e que merecem maior espaço para discussão. As teorias psicológicas e psiquiátricas parecem estar mais voltadas para a racionalização, reduzindo a variedade da experiência humana a fim de medir dados originados de generalizações, modelos e prescrições. Por consequência, proliferam-se serviços especializados de aconselhamento e espaços de suporte ao enlutado, que embora sejam bastante importantes para a assistência deste, deixam claro que as exigências da vida moderna e a indisponibilidade da comunidade em acolher o enlutado o deixam solitário em sua dor.

CONCLUSÃO

*“Quando você foi embora fez-se noite em meu viver
Forte eu sou, mas não tem jeito
Hoje eu tenho que chorar
Minha casa não é minha e nem é meu este lugar
Estou só e não resisto, muito tenho pra falar”
(Travessia – Milton Nascimento)*

Estudar a perda inesperada de filhos por meio das narrativas de pais enlutados leva-nos a concluir, inicialmente, que o luto parental, independentemente da idade do filho ao morrer, resulta em um complexo conjunto de emoções e sensações que persistem por toda a vida dos pais. Com isso, queremos salientar que o luto não é um processo estático, ao contrário, ele é dinâmico e flutuante, pois muda o tempo todo, variando em natureza, intensidade e duração. Enquanto profissionais de saúde, somente por meio deste olhar em relação ao luto, é possível perceber as idiossincrasias de cada processo individual, aceitando as diferenças de cada enlutado e desconstruindo a ideia de que existe uma maneira “ideal” ou “correta” de passar por este processo, contribuindo, assim, para a não patologização do processo.

Embora devastados pelas perdas sofridas, os pais enlutados se mostraram disponíveis para falar sobre seus filhos mortos e seus processos de luto. De forma geral, pais enlutados estão sempre dispostos a ajudar outros, participando de pesquisas, pois as entrevistas fornecem a oportunidade de falarem de seus filhos. Por meio dos relatos, os filhos são homenageados, lembrados, histórias das vidas abreviadas são contadas, peripécias e travessuras são compartilhadas, reafirmando o vínculo de amor entre pais e filhos. Retirados da solidão na qual a cultura que disfarça a morte os coloca, a participação de enlutados em pesquisas é uma maneira de falar sobre o luto e seus percalços, trazendo-o para o espaço público, permitindo, assim, que o pesar pela perda se torne tolerável e controlado para quem a sofre. Narrar o trauma é um recurso de enfrentamento que torna possível construir novos significados, assim como torna possível que o pai enlutado, isolado socialmente e impedido de falar de seu filho morto, se religue ao mundo dos vivos, tornando-se sujeito novamente e apropriando-se da sua história.

Os rituais realizados pelos pais se mostraram de enorme relevância para o desenvolvimento do processo de luto, pois funcionam para amenizar o desamparo sentido diante da morte do filho. Cada vez mais assistimos ao esvaziamento dos rituais, que se tornaram mais rápidos e solitários. Isso faz com que novas formas de ritualização surjam na contemporaneidade, por meio de rituais públicos, que contribuem para o reconhecimento da perda e a externalização da dor. Principalmente em mortes inesperadas, nas quais não há qualquer preparo para a perda, o processo de ritualização torna-se ainda mais relevante e influencia todo o processo de construção de significados, etapa fundamental para o desenvolvimento de um luto saudável.

Neste estudo foi possível confirmar dados de investigações anteriores que apontam a religiosidade como poderoso recurso de enfrentamento à perda. A religiosidade, por meio de crenças como a de que existe um ser superior no comando das ações terrestres; que os filhos mortos estão vivos em outro plano e que um dia haverá o reencontro, fornece sentido e enche os pais de esperança e alento para suportarem a sua dor.

Em relação ao suporte social recebido, a família, amigos, colegas de trabalho e outras pessoas que se aproximaram após a morte do filho, tiveram papel fundamental no processo de luto dos pais, funcionando como fator de proteção durante o processo de adaptação à perda, fornecendo recursos e continência, principalmente nos momentos iniciais à perda. O suporte social inadequado foi apontado na pesquisa por alguns entrevistados. Podemos dizer que se refere à dificuldade do homem contemporâneo em lidar com a dor, principalmente quando se trata de morte de filhos. O afastamento de pessoas próximas aponta a recusa ou a interdição vista atualmente na sociedade em entrar em contato com emoções consideradas negativas. Dessa maneira, os espaços de compartilhamento da dor são cada vez mais escassos, fazendo com que a participação em grupos de apoio a enlutados se mostre um recurso poderoso. Os pais entrevistados que participaram ou que ainda participam de grupos apontaram que compartilhar suas perdas com outras pessoas que tiveram perdas semelhantes contribui significativamente para seus lutos. Ouvir que suas reações e comportamentos diante da perda do filho são normais e esperados e que outros pais também têm reações similares contribui para a diminuição do estigma e para a diminuição de sintomas. Comportamentos que têm a função de manter uma ligação forte, espiritual e emocional com os

filhos, como falar com o filho morto, manter objetos e fotografias, ir ao cemitério ou vestir suas roupas são melhor compreendido por outros pais que realizam os mesmos comportamentos. Compartilhar essas histórias com pessoas que não passaram por perdas semelhantes pode levar a julgamentos críticos e crenças de que os pais enlutados estejam doentes e precisam de um médico para assisti-los.

Um processo de luto saudável pressupõe uma oscilação entre a perda e a restauração, que pode perdurar por toda a vida dos pais, segundo Modelo de Processo Dual. A perda de um filho é transformadora para os pais. Nenhum pai ou mãe retorna a seu estado psicológico pré-perda. Em uma situação de crise como essa, alguns pais transformaram suas dores em lutas, na tentativa de retomar o controle da vida e integrar a experiência na sua nova identidade. Todos os comportamentos que oscilam entre entrar em contato com a perda e retornar à vida cotidiana são estratégias valiosas de enfrentamento em situações de crise que revelam a capacidade dos pais de serem resilientes, promovendo o crescimento, por meio do qual o indivíduo descobre recursos que nem sabia que possuía.

O vínculo relacional que se estabelece entre o enlutado e o morto é uma das principais características de organização da vida do enlutado após a perda. Com base nos estudos de resiliência, o aprofundamento de pesquisas sobre esse tema pode contribuir para ampliar a compreensão do processo de luto, no qual o vínculo afetivo mantido entre vivos e mortos não significaria invulnerabilidade, mas a continuação do afeto que não se esgota com a morte de uma pessoa significativa.

Os resultados da pesquisa podem ser úteis para o desenvolvimento de ferramentas de avaliação e intervenção que se baseiem em um modelo de luto que considera os significados construídos e as relações de apoio como determinantes cruciais de ajuste à perda, auxiliando, assim, os pais enlutados em seu enfrentamento e adaptação. A fim de desenvolver eficazmente intervenções que abordam os desafios que pais enlutados enfrentam na elaboração de suas perdas, é essencial determinar quais são os aspectos da construção de significados e quais estão associados ao agravamento dos sintomas do luto.

As teorias psicológicas e psiquiátricas parecem estar mais voltadas para a racionalização, reduzindo a variedade da experiência humana a fim de medir dados originados de generalizações, modelos e prescrições. Por consequência, proliferam-se serviços especializados de aconselhamento e espaços de suporte ao

enlutado, que embora sejam bastante importantes para a assistência deste, deixam claro que as exigências da vida moderna e a indisponibilidade da comunidade em acolher o enlutado o deixam solitário em sua dor. Nosso estudo de baseou em teorias contemporâneas sobre o luto, que ampliam o olhar sobre o processo, não mais o restringindo a seu aspecto privado e íntimo, mas também percebendo-o em seu contexto social, ressaltando a importância da participação da rede social no desenvolvimento de um luto saudável e do compartilhamento de rituais.

Uma sociedade fechada para escutar a dor dos enlutados representa um risco para a saúde dos seus membros, pois destrói os fundamentos de uma sociedade dita relacional. Compreender e escutar a dor do outro e perceber o luto como um processo que possibilita ressignificar a vida leva à reflexão de quem somos como sujeitos sociais, enxergando nessa vivência a possibilidade de reconstruirmos a capacidade de compartilhar a dor e o sofrimento. Quando pessoas enlutadas podem contar com o apoio da sociedade em que vivem, compartilhando seu pesar, os crescimentos pessoais e coletivos tornam-se consequências naturais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Albuquerque, S.; Buyukcan-Tetik, A.; Stroebe, M.; Schut, H.; Narciso, I.; Pereira, M. & Finkenauer, C. (2017). Meaning and coping orientation of bereaved parents: Individual and dyadic processes. *Plos One*, 12 (6), <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0178861>.

Ariès, P. (1977/2012). *História da morte no ocidente*. Rio de Janeiro: Livraria Saraiva de bolso.

Attig, T. (2001). *Relearning the world: making and finding meanings*. In: Neimeyer, R. *Meaning reconstruction of loss*. Washington: American Psychological Association.

Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. 5ª edição. Lisboa: Ed. 70.

Beischel, J.; Mosher, C. & Boccuzzi, M. (2015). The possible effects on bereavement of assisted after-death communication during readings with psychic mediums: a continuing bonds perspective. *Omega*, 70(2) 169-194. doi: <http://dx.doi.org/10.2190/OM.70.2.b>.

Benkel, I.; Wijk, H. & Molander, U. (2009). Family and friends provide most social support for the bereaved. *Palliat Med*, 23(2), 141-149. Doi: 10.1177/0269216308098798.

Bezerra, B. (2010). A psiquiatria e a gestão tecnológica do bem-estar. In FILHO, J.F. (org). *Ser feliz hoje. Reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro, pp. 213-226.

Bogensperger, J. & Lueger-Schuster, B. (2014). Losing a child: finding meaning in beavement. *European Journal of Psychotraumatology*, 5: 22910. <http://dx.doi.org/10.3402/ejpt.v5.22910>.

Breen, L. & O'Connor, M. (2011). Family and social networks after bereavement: experiences of support, change and isolation. *Journal of Family Therapy*, 33 (1), 98-120. Doi: 10.1111/j.1467-6427.2010.00495.x.

Bulman, R.J. (1992). *Shattered Assumptions. Towards a new psychology of trauma*. Toronto: The Free Press.

Burke, L. & Neimeyer, R. (2014). Complicated Spiritual Grief I: Relation to Complicated Grief. Symptomatology Following Violent Death Bereavement. *Death Studies*, 38: 259-267. doi: 10.1080/07481187.2013.829372

Calhoun, L.G. & Tedeschi, R.G. (2001). Posttraumatic growth: The positive lessons of loss. In: R.A. Neimeyer (Ed.), *Meaning reconstruction and the*

experience of loss (pp. 157–172). Washington, DC: American Psychological Association.

Currier, J.; Martinez, T.; Malott, J. & Neimeyer, R. (2012). Bereavement, religion and posttraumatic growth: A matched control group investigation. *Psychology of Religion and Spirituality*, 5(2), 69-77. doi: 10.1037/a0027708.

Currier, J.; Holland, J. & Neimeyer, R. (2006). Sense-making, grief, and the experience of violent loss: toward a mediational model. *Death Studies*, 30 (5), 403-428. <http://dx.doi.org/10.1080/07481180600614351>.

Boelen, P.; Stroebe, M.; Schut, H. e Zijerveld, A. (2006) Continuing Bonds and Grief: A Prospective Analysis. *Death Studies*, 30 (8), 767-776. <https://doi.org/10.1080/07481180600852936>

Bowlby, J. (2006). Formação e rompimento dos laços afetivos. Martins Fontes: São Paulo.

Bowlby, J. (2004). Perda. Tristeza e depressão. Martins Fontes: São Paulo.

Cacciatore, J. & Flint, M. (2012). Mediating grief: postmortem ritualization after child death. *Journal of Loss and Trauma*, 17: 158-172.

Câmara, C.M.C. (2011). *Os agentes funerários e a morte: o cuidado presente diante da vida ausente*. Dissertação de mestrado não publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/17485>.

Castro (2012). “Ao pó retornarás”: um olhar sobre os crematórios e a morte contemporânea. *Caderno de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas*, 13(102), 135-52. <http://dx.doi.org/10.5007/1984-8951.2012v13n102p135>.

Chapple, A. & Ziebland, S. (2010). Viewing the body after bereavement due to a traumatic death: qualitative study in the UK. *BMJ*, 340:c2032, 1-11. doi: 10.1136/bmj.c2032.

DaMatta, R. (2011). Apresentação. In: Van Gennep, A. . *Os ritos de passagem*. (pp 9-20). Petrópolis, Vozes: RJ.

Davis, C. (2001). The tormented and the transformed: understanding responses to loss and trauma. In: Neimeyer, R. *Meaning reconstruction & the experience of loss* (pp137-155) Washington: American Psychological Association.

Davies, R. (2004). New understandings of parental grief: Literature review. *Journal. of Advanced Nursing*, 46(5), 506–513. doi: <https://doi.org/10.1111/j.1365-2648.2004.03024.x>.

Denhup, C.Y. (2017). A New State of Being: The Lived Experience of Parental Bereavement. *Omega. Journal of death and dying*, 74(3), 345-360. doi: 10.1177/0030222815598455.

Elias, N. (2001). *A solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro: Fiocruz.

Endo, K.; Yonemoto, N. & Yamada, M (2015). Interventions for bereaved parents following a child's death: A systematic review *Palliative Medicine*, 29(7), 590-604. Doi: 10.1177/0269216315576674.

Field, N.P. & Wogrin, C. (2011). The changing bond in therapy for unresolved loss. An attachment theory perspective. In: NEIMEYER, R. & Cols. *Grief and bereavement in Contemporary Society. Bridging Research and Practice*. New York: Routledge.

Field, N.P. Continuing bonds in adaptation to bereavement: Introduction. *Death Studies*, 30: 709-714, 2006.

Field, N.P. & Filanosky, C. (2010). Continuing bonds, risk factors for complicated grief, and adjustment to bereavement. *Death Studies*, 34(1), 1-29.

Field, N.P.; Gao, B. & Paderna, L. (2005). Continuing bonds in bereavement: An attachment theory based perspective. *Death Studies*, 29, 277-299.

Field, N.P.; Packman, W.; Ronen, R. & Pries, A. (2013). Type of continuing bonds expression and its comforting versus distressing nature: implications for adjustment among bereaved mothers. *Death Studies*, 37: 889-912. <https://doi.org/10.1080/07481187.2012.692458>.

Foster, T.; Gilmer, M.; Davies, B.; Dietrich, M.; Barrera, M.; Fairclough, D.; Vannatta, K. & Gerhardt, C. (2011). Comparison of continuing bonds reported by parents and siblings after a child's death from cancer. *Death Studies*, 35, 420-440. <https://dx.doi.org/10.1080/07481187.2011.553308>.

Franco, M.H.P. (2010). Por que estudar o luto na atualidade? In: Franco, M.H.P (org.). *Formação e rompimento de vínculos: o dilema das perdas na atualidade* (pp.17-42). São Paulo: Summus Editorial.

Franco, M.H.P. (2002). Uma mudança de paradigma sobre o enfoque da morte do luto na contemporaneidade. In: M. H. P. Franco (org.). *Estudos avançados sobre o luto* (pp. 15-38). São Paulo: Editora Livro Pleno.

Frankl, V.E. (2011). *Em busca de sentido*. São Paulo: Vozes.

Franqueira, A.M.R.; Magalhães, A.S e Féres-Carneiro, T. (2015). O luto pelo filho adulto sob a ótica das mães. *Estudos de Psicologia Campinas*, 32(3), 487-497. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-166X2015000300013>.

Gear, R. (2014). Bereaved Parents' Perspectives on Informal Social Support: What Worked for You? *Journal of Loss and Trauma*, 19: 173-188. Doi: 10.1080/15325024.2013.763548.

Gijzen, S.; Hoir, M.; Boere-Boonekamp, M. & Need, A. (2016). How do parents experience support after the death of their child? *BMC Pediatrics* 16 (204). Doi: 10.1186/s12887-016-0749-9.

Grinyer, A. (2012). A bereavement group for parents whose son or daughter died from cancer: how shared experience can lessen isolation. *Mortality*, 17(4), 338-354. <http://dx.doi.org/10.1080/13576275.2012.730684>.

Grisales, P.A. (2016). Fazer visíveis as perdas. Morte, memória e cultura material. *Tempo Social*, 28(1), 85-104. <http://dx.doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2016.106009>.

Hamama-Raz, Y.; Rosenfeld, S. & Buchbinder, E. (2010). Giving birth to life--again!: bereaved parents' experiences with children born following the death of an adult son. *Death Studies*, 34(5): 381-403.

Klass, D. (2015). Continuing bonds, society and human experience: family dead, hostile dead, political dead. *Omega*, 70(1) 99-117. Doi: 10.2190/OM.70.1.i.

Klass, D. (2006). Continuing conversation about continuing bonds. *Death Studies*, 30: 843-858.

Klass, D.; Silverman, P. & Nickman, S. L. Continuing bonds: new understandings of grief. Washington, DC: Taylor & Francis, 1996.

Koury, M.G.P. (2014). O luto no Brasil no final do século XX. *Caderno CRH*, 27(72), 593-612. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792014000300010>.

Lichtenthal, W.; Neimeyer, R.; Currier, J.; Roberts, K. & Jordan, N. (2013). Cause of Death and the Quest for Meaning After the Loss of a Child. *Death Studies*, 37: 311–342. doi: 10.1080/07481187.2012.673533.

Lichtenthal, W.; Currier, J.M.; Neimeyer, R.A. & Keesee, N.J. (2010). Sense and significance: A mixed methods examination of meaning making after the loss of one's child. *Journal of Clinical Psychology*, 66(7), 791-812. doi: 10.1002/jclp.20700.

Martins, G. (2001). *Laços atados. A morte do jovem no discurso materno*. Curitiba: Moinho do Verbo.

Marwit, S.J. & Klass, D. Grief and the role of the inner representation of the deceased (1995). *Omega: Journal of Death and Dying*, 30, 283-298, 1995

Mazorra, L. (2009). *A construção de significados atribuídos à morte de um ente querido e o processo de luto*. Tese de doutorado – Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, PUC São Paulo, São Paulo.

Meier, A.M.; Carr, D.R.; Currier, J.M. & Neimeyer, R. (2013). Attachment Anxiety and Avoidance in Coping with Bereavement: Two Studies. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 32(3), 315-334.

Mikulincer, M. (2008). An attachment perspective on disordered grief reactions and the process of grief resolution. Interdisciplinary Center Herzliya.

Morin, E. (1997). *O homem e a morte*. Rio de Janeiro: Imago.

Mowll, J.; Lobb, E. & Wearing, M. (2016). The transformative meanings of viewing or not viewing the body after sudden death. *Death Studies*, 40 (1), 46-53. doi: 10.1080/07481187.2015.1059385.

Neimeyer, R. & Burke, L. (2017). Spiritual Distress and Depression in Bereavement: A Meaning-Oriented Contribution. *J Rat-Emo Cognitive-Behav Ther*, 35: 38-59. doi: 10.1007/s10942-017-0262-6

Neimeyer, R. (2017). Meaning and Mourning: The Search for Significance in Tragic Loss. *Ewha Journal of Social Sciences*, 33(1). <https://ssrn.com/abstract=2964862>

Neimeyer, R. (2016). Meaning Reconstruction in the Wake of Loss: Evolution of a Research Program. *Behaviour Change*, 33(2), 65-79. <https://doi.org/10.1017/bec.2016.4>.

Neimeyer, R.; Klass, D. & Dennis, M.R. (2014). A Social Constructionist Account of Grief: Loss and the Narration of Meaning. *Death Studies*, 38, 485-498. doi: 10.1080/07481187.2014.913454.

Neimeyer, R. (2014). The changing face of grief: Contemporary directions in theory, research, and practice.

Neimeyer, R. (2014). The Narrative Arc of Tragic Loss: Grief and the Reconstruction of Meaning. *International Journal of Existential*, 5(1), 27-32. <http://journal.existentialpsychology.org/index.php/ExPsy/article/view/199>.

Neimeyer, R.; Harris, D.; Winokuer, H. & Thornton, G. (2011). Grief and bereavement in contemporary society. New York: Routledge. *Journal of Advanced Nursing*, 46, 506-513

Neimeyer, R.; Baldwin, S. & Gilles, J. (2006). Continuing Bonds and Reconstructing Meaning: Mitigating Complications in Bereavement. *Death Studies*, 30(8).

Park, C. (2016). Meaning Making in the Context of Disasters. *Journal of clinical psychology*, 72(12), 1234-1246 Wiley Periodicals, Inc. Published on line in Wiley Online Library (wileyonlinelibrary.com/journal/jclp). doi: 10.1002/jclp.22270.

Park, C.L. (2013) The meaning making model: a framework for understanding meaning, spiritually, and stress-related growth in health psychology. *The European Health Psychologist*, 15(2), 40-47. www.ehps.net/ehp.

Parkes, C.M. (2009). *Amor e perda: as raízes do luto e suas complicações*. São Paulo: Summus Editorial.

Parkes, C.M. (1998). *Luto. Ensaio sobre a perda na vida adulta*. 3ª Ed. São Paulo: Summus.

Pinho, M.X. (2015). *O rito (fúnebre) individual do neurótico em tempos de dessocialização da morte e do luto: Uma leitura psicanalítica das tatuagens in memoriam*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/17124>.

Prigerson, H.G. (2004). Complicated grief: When the path of adjustment leads to a dead-end. *Bereavement Care*, 23(3), 38-40. doi:10.1080/02682620408657612.

Rando, T. (1986). *Parental loss of a child*. Illinois: Research Press.

Rebello, J.E. (2013). *Defilhar. Como viver a perda de um filho*. Portugal: Casa das Letras.

Reis, C.G.C.; Farias, C.P. & Quintana, A.M. (2017). O Vazio de Sentido: Suporte da Religiosidade para Pacientes com Câncer Avançado. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(1), 106-118. <https://doi.org/10.1590/1982-3703000072015>.

Reisman, A. (2001). Death of a spouse: illusory basic assumptions and continuation of bonds. *Death Studies*, 25 (5).

Rozalski, V.; Holland, J. & Neimeyer, R. (2016). Circumstances of Death and Complicated Grief: Indirect Associations through Meaning Made of Loss. *Journal of Loss and Trauma*, 11(18), 1-19. doi: 10.1080/15325024.2016.1161426.

Rubin, S.S. & Shechory-Stahl, M.A. (2013). The continuing bonds of bereaved parents: a ten-year follow-up study with the two-track model of bereavement. *Omega*, 66(4), 365-384.

Santino, J. (2006). Performative commemoratives: Spontaneous shrines and the public memorialization of death. In J. Santino (Ed.), *Spontaneous shrines and the public memorialization of death* (pp. 5-16). New York: Palgrave Macmillan.

Segalen, M. (2002). *Ritos e rituais contemporâneos*. São Paulo: FGV.

Serpa, J.F.S (2014). *Stress e Adaptação no Processo de Luto Materno - Um Estudo Exploratório*. Dissertação de mestrado. Universidade de Lisboa. http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/18231/1/ulfpie047251_tm.pdf.

Sluzki, C.E. (1997). *A rede social na prática sistêmica. Alternativas terapêuticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Stevenson, M.; Achille, M.; Liben, S.; Proulx, M.; Humbert, N.; Petti, A.; Macdonald, M.E. & Cohen, R. (2017). Understanding How Bereaved Parents Cope With Their Grief to Inform the Services Provided to Them. *Qualitative Health Research*, 27(5), 649-664. doi: 10.1177/1049732315622189.

Stroebe, M.; Schut, H. & Finkenauer, C. (2013). Parents coping with the death of their child: From individual to interpersonal to interactive perspectives. *Family Science*, 4(1), 28-36. <http://dx.doi.org/10.1080/19424620.2013.819229>

Stroebe, M. & Schut, H. (2005). To continue or relinquish bonds: A review of consequences for the bereaved. *Death Studies*, 29, 477-494.

Stroebe, W.; Zech, E.; Stroebe, M. & Abakoumkin, G. (2005). Does social support help in bereavement? *Journal of Social and Clinical Psychology*, 24(7), 1030-1050.

Tedeschi, R.G. & Calhoun, L.G. (1996) The Posttraumatic Growth Inventory: Measuring the Positive Legacy of Trauma. *Journal of Traumatic Stress*, 9(3).

Utz, R.L.; Swenson, K.L.; Caserta, M.; Lund, D. & DeVries, B. (2013). Feeling lonely versus being alone: loneliness and social support among recently bereaved persons, *Journals of Gerontology, Series B: Psychological Sciences and Social Sciences*, 69(1), 85-94, doi:10.1093/geronb/gbt075.

Valentine, C. (2006). Academic constructions of bereavement. *Mortality*, 11(1), 57-78. Doi: 10.1080/13576270500439274.

Veras, L. (2015). *Aqui se jaz, aqui se paga. A mercantilização da morte, do morrer e do luto*. Curitiba: Appris.

Wago, S.W.; Byrkjedal, I.K.; Sinnes, H.M.; Hystad, S. & Dyregrov, K. (2017). Social support and complicated grief: a longitudinal study on bereaved parents after the Utoya terror attack in Norway. *Psykologisk.no*, 1-20. <https://doi.org/10.15714/scandpsychol.4.e10>.

Waiselfisz, J.J. (2013). Mapa da Violência. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br>.

Walsh, F. (2005). *Fortalecendo a resiliência familiar*. São Paulo: Ed Roca

Walsh, F. & McGoldrick, M. (1998). *Morte nas famílias: sobrevivendo às perdas*. Porto Alegre: Artmed.

Walter, T. (2010). Grief and culture. *Bereavement Care*, 29(2), 5-9. <http://dx.doi.org/10.1080/02682621003707431>.

Walter, T. (2008). Mourners and mediums. *Bereavement Care*, 27, 47-50. doi: 10.1080/02682620808657727

Walter, T. (2008). The new public mourning. In: M. Stroebe, R.; Hansson, H.; Schut & W. Stroebe (org.). *Handbook of bereavement research and practice advanced in theory and intervention* (pp. 241-262). Washington: American Psychological Association.

Walter, T. (2000) Grief narratives: the role of medicine in the policing of grief. *Anthropology & Medicine*, 7(1), 97-114. ISSN1364-8470 (print) ISSN1469-2910 (online)/00/010097-18.

ANEXO I: PERFIL DOS PARTICIPANTES

Tabela 1

Perfil dos participantes							
Participante	Estado Civil	Escolaridade/ Formação	Tempo decorrido da perda	Gênero Filho	Idade ao morrer	Outros filhos	Contexto da morte
Adriana	Casada	Aposentada Assistente social	13 anos	Masculino	16	Sim	Passageiro
Gabriela	Separada	Superior Letras	3 anos	Masculino	17	Não	Atropelamento
Maria	Separada	Ensino médio técnico	6 anos	Feminino	23	Não	Atropelamento
Elisa	Casada	Aposentada Contadora	15 anos	Masculino	20	Sim	Condutor
Felipe	Casado	Aposentado administrador	14 anos	Masculino	20	Sim	Passageiro
Cláudio	Casado	Aposentado engenheiro	11 anos	Feminino	17	Sim	Passageiro
Talita	Separada	Superior Psicóloga	6 anos	Feminino	26	Não	Passageiro
Lúcia	Viúva	Aposentada advogada	2 anos	Masculino	42	Sim	Condutor
Sueli	Separada	Superior jornalista	17 anos	Masculino	18	Sim	Passageiro
Patrícia	Recasada	Superior Psicóloga	5 anos	Feminino	35	Sim	Condutor

ANEXO II: ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

1. Relato geral da perda

1.1 Reações gerais do luto

2. Rituais nos dias e semanas logo após a perda e atualmente

2.1 Rituais fúnebres realizados

2.2 Rituais realizados nos dias e semanas seguintes à perda

2.3 Rituais realizados hoje

3. Vinculação com filho morto hoje

3.1 De que maneira você se relaciona com seu filho hoje?

3.2 Como você descreveria a presença de seu filho hoje na sua vida?

4. Suporte social

4.1 Como foi o apoio recebido ?

4.2 O que mais te ajudou ?

4.3 O relacionamento entre você e seus parentes/amigos mudou após a morte de seu filho?

4.4 Como você percebe a reação das pessoas à sua perda?

4.5 Você fala de seu filho com as pessoas? Com quais? Como elas reagem?

4.6 As pessoas falam de seu filho com você ? Como você se sente?

4.7 Em família, vocês costumam falar da sua perda?

4.8 Você participou ou participa de algum grupo de suporte? Se sim, como isso te ajudou ou ajuda?

5. Busca por explicação

5.1 Quais os significados que você construiu para a sua perda?

5.2 De que maneira ela transformou você e seus relacionamentos?

5.3 Como você percebe a vida hoje?

ANEXO III: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Instituição de origem: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Título da pesquisa: “Rituais e da rede de apoio no processo de luto”.

Pesquisadora: Ana Maria Rodrigues Franqueira - Email: anafranq@globocom.com - Tel: (21) 99911-7461

Orientadora: Andrea Seixas Magalhães – Email: andreasm@puc-rio.br - Tel: (21) 99693-0442

Com este trabalho de pesquisa, pretendemos compreender melhor o processo de luto parental, focalizando os rituais e a rede de apoio ao enlutado.

A pesquisa é realizada a partir de uma entrevista gravada e, posteriormente, transcrita, permanecendo sob a responsabilidade da pesquisadora todo e qualquer dado de identificação. Todas as informações têm caráter confidencial. Portanto, sua identidade será mantida em sigilo.

Sua participação é voluntária, estando livre para interromper a entrevista quando assim desejar; fazer as perguntas que julgar necessárias; recusar-se a responder perguntas ou falar de assuntos que lhe possam causar qualquer tipo de constrangimento. A participação nessa pesquisa não traz complicações, à exceção apenas, talvez, de certa timidez que algumas pessoas podem manifestar ao longo da entrevista. Em caso de constrangimento, a entrevista poderá ser interrompida por pedido da entrevistada.

Com sua adesão, você estará contribuindo para conhecermos mais sobre a vivência do luto parental. Assinando este termo de consentimento, você estará autorizando a pesquisadora a utilizar, em ensino, pesquisa e publicação, as informações prestadas na entrevista, sendo preservada sua identidade e a dos membros da sua família. Um exemplar deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, devidamente assinado, ficará com a entrevistada e outro com a pesquisadora.

Assinatura da Pesquisadora

Ana Maria Rodrigues Franqueira

Assinatura da(o) Entrevistada(o)

Rio de Janeiro, ____/____/____